

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ- UFC
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

CARLA SHIRLEY VIDAL OLIVEIRA

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS:
TORNAR-SE DOCENTE**

**FORTALEZA
2013**

CARLA SHIRLEY VIDAL OLIVEIRA

**NARRATIVAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS:
TORNAR-SE DOCENTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Ercília Maria Braga de Olinda

FORTALEZA

2013

CARLA SHIRLEY VIDAL OLIVEIRA

NARRATIVAS DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS: TORNAR-SE DOCENTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Maria Iorio Dias
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Carmensita Matos Braga Passos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

As professoras: Meire, Lucineide, Aurinete, Livramento, Letícia e Regina, que se dispuseram do seu tempo e me permitiram que adentrasse em suas histórias, agora também parte da minha história.

A professora Ercília Braga, pela disponibilidade, paciência, prontidão em auxiliar-me nesse meu projeto mesmo quando parecia que essa idéia não seria concretizada.

A meu esposo pelo incentivo e aos meus filhos Gabriel e Daniel pela compreensão em ter sido tomado parte do meu tempo dedicado a eles.

A minha mãe e irmã a quem me dava força e indagava sobre a situação do presente trabalho.

As minhas colegas de trabalho, em especial a amiga Regina a qual me dava força e não me deixava abater.

As professoras Ana Iorio e Carmensita Passos por se dispuserem a participar da banca examinadora.

A Professora Inês Mamede pela orientação inicial e ter me recomendado a professora Ercília.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo conhecer os fatores que influenciaram na construção do ser docente de alfabetizadoras. Pretendemos, com essa análise, entender que fatores influenciaram na escolha pela profissão e quais experiências práticas foram mais significativas. Identificamos os problemas enfrentados, bem como os métodos utilizados no período em que as professoras foram alfabetizadas e confrontamos com as práticas pedagógicas empregadas atualmente. Escolhemos como orientação metodológica a abordagem biográfica de pesquisa, e utilizamos como material de análise, as narrativas de seis professoras alfabetizadoras do Estado do Ceará. Tomamos como referência teórica os estudos realizados por Cunha (1997), Kramer e Souza (1996), Passos (2007), entre outros. Nos depoimentos, as professoras revelaram a influência da família e da cultura e as circunstâncias que as fizeram ser as professoras que são. Vimos, em alguns casos, que não houve propriamente uma escolha em relação à profissão. As professoras descreveram a sua busca pela profissionalização, seus sentimentos sobre a culpa e responsabilidades que recai sobre esse profissional e a necessidade de adequação dos currículos dos cursos de formação de professores visando formar alfabetizadores.

Palavras-chave: Narrativas de formação. Alfabetizadora. Prática docente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Justificativa para escolha do tema	8
Fundamentação teórica inicial	10
Metodologia da pesquisa	16

CAPÍTULO I – AS PROFESSORAS CONTAM A HISTÓRIA

Lembranças sobre o “fracasso escolar”: a face punitiva e excludente da escola.....	19
Narrativas sobre a formação de professores: a busca da profissionalização.....	25

CAPÍTULO II - SER PROFESSORA

Ser professora: uma escolha?.....	28
Ser professora em meio às diversidades	31

CAPÍTULO III - DE ALFABETIZADA A ALFABETIZADORA

Metodologias e recursos didáticos na alfabetização	37
Ecos da memória na prática alfabetizadora	42

CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
-----------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
---	-----------

APÊNDICE.....	51
----------------------	-----------

ANEXOS	53
---------------------	-----------

“Mire e veja: o importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando.”

(Guimarães Rosa)

INTRODUÇÃO

“É a narrativa que faz de nós o próprio personagem da nossa vida; é ela enfim, que dá uma história a nossa vida: não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida.”

(Christine Delory-Momberger)¹

Justificativa para a escolha do tema

Em um contexto histórico, onde muitas crianças ainda não se alfabetizam na época adequada, há uma exigência quanto à formação do professor diante do desafio de garantir uma efetiva alfabetização dos seus alunos. No entanto, a formação docente ultrapassa os conhecimentos formais ministrados em espaços instituídos para esse objetivo, os saberes que esses sujeitos acumulam ao longo de sua vida, constituem o ingrediente fundamental na constituição do ser professor hoje.

Escolhemos como objeto de pesquisa as narrativas autobiográficas de um grupo de professoras alfabetizadoras por acreditar que são reveladores de histórias sobre a identidade e sobre a prática docente.

A escolha pelo tema deveu-se a fatos que influenciaram diretamente na decisão. Na faculdade, como aluna da disciplina “O Ensino de Matemática nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental”, lemos relatos de professoras que mostravam como sua relação com a matemática influenciou na sua escolha profissional. Praticamos a escrita de um memorial, onde descrevemos nossa relação com a matemática antes da disciplina, como aprendemos matemática. Relatamos e avaliamos as contribuições da disciplina para nosso processo formativo no que se refere aos saberes do conhecimento (conteúdo a ser ensinado), saberes

¹ *apud* OLINDA, 2011

pedagógicos (teorias da aprendizagem, metodologia, recursos didáticos e transposição didática) e saberes existenciais (crenças, percepções e sentimentos). A experiência foi importante para uma reflexão sobre a minha escolha profissional.

Sou professora de crianças de cinco e seis anos e as teorias psicogenéticas e didática de alfabetização, foram meus focos de interesse durante alguns anos. Em 2007, fui convidada para ser formadora do Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC)². Na última formação do ano de 2011 escolhi como tema central para reflexão: “Memórias de Alfabetização” com a intenção de que as professoras pudessem relatar suas lembranças pessoais desse processo e como o mesmo influenciou no exercício da profissão. Nesse momento, pudemos refletir sobre o tema e relacioná-lo com as curtas metragens: *Vida Maria e Menina espantado*. Propus ainda que três formadoras regionais escrevessem um relato para compartilhar sua experiência com o grupo de professoras, conforme o relato de uma das formadoras no Anexo 02. Relatando sua história, uma professora pode homenagear sua professora alfabetizadora que estava presente, ainda na ativa na profissão, causando comoção em todo o grupo. Infelizmente, essa experiência não ficou registrada em mídias ou documentos escritos, porém, ficou armazenada na minha memória. Ponderando sobre os relatos, pude perceber que as vivências de alfabetização narradas pelas professoras revelavam as práticas cultivadas na época, ao mesmo tempo em que as fazia refletir sobre sua prática.

Passei então, a reativar minhas memórias sobre minhas leituras e vivências com o tema. Relembrei então, da disciplina de “Docência no Ensino Fundamental” da qual participei no início do curso de Pedagogia, que me apresentou leituras sobre as características e especificidades do trabalho docente, saberes e identidade do profissional. Também recordei de outras leituras relacionadas direta ou indiretamente com o tema: Antoni Zabala, Material Estruturado do Programa de

² Programa iniciado em 2005 pela Aprece (Associação dos Prefeitos do Ceará) com apoio do Unicef e Undime-Ce com adesão de 60 municípios cearenses. Em 2007 o programa foi ampliado (adesão dos 184 municípios cearenses) o Governo do Estado, via Seduc, assumiu o programa como órgão executor.

Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA)³, e algumas narrativas autobiográficas como as de Ziraldo e Rubem Alves.

Motivada por essas experiências, iniciei uma revisão de literatura sobre formação de professores, memórias e narrativas autobiográficas, a fim de delimitar o objeto de estudo e fundamentar a temática proposta.

Fundamentação teórica inicial

No livro *Memórias de Alfabetização*, organizado por Peres (2007), a partir de uma questão evocadora da memória: quando e como você foi alfabetizado? a autora reuniu e refletiu sobre memórias de processos de alfabetização de pessoas escolhidas por ela (pessoas em evidência no campo educacional, cultural, político, religioso ou artístico, em âmbito local, regional e nacional).

A memória da qual nos referimos e almejamos resgatar nas narrativas das professoras está na origem da palavra conforme descrita por Brandão (2008, p. 8):

A origem da palavra memória remete a mitologia greco-romana precisamente a deusa Mnemósine, personificação da memória ou lembrança, filha do Céu e da Terra, irmã de Cronos- o deus que preside o tempo- e mãe das musas, que com ela regiam as artes e todas as formas de expressão, especialmente a poesia.

Essa é memória a qual buscamos, através da arte da narrativa, relacionada às vivências das professoras. Ao narrar suas trajetórias de vida, os professores fazem uma reconstrução e ressignificação dos acontecimentos e experiências consideradas as mais importantes de suas vidas, provocando

³ PROFA- O Programa de Formação de Professores Alfabetizadores foi uma iniciativa do Ministério da Educação, que teve seu auge na gestão do então presidente Fernando Henrique Cardoso, e do ministro Paulo Renato de Souza. O material utilizado pelo PROFA foi elaborado pela Secretaria de Educação Fundamental, sendo divulgado e implementado através de parcerias com os municípios interessados. Em 2003, o programa foi suspenso pela Secretaria de Educação Fundamental e sua continuidade dependeu, exclusivamente, dos municípios que iniciaram a proposta.

transformação da maneira de compreender a si mesmo e aos outros, relacionando o tempo passado, presente e futuro.

Brandão (2008, p.15), afirma que a memória é constitutiva do ser humano e dos grupos e justifica a relevância dessas narrativas:

[...] a partir da memória autobiográfica nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando memórias individuais e coletivas, dando-lhes um sentido-significado.

Souza (2006, p.14), mostra ainda, o efeito que a escrita da narrativa tem sobre o sujeito, nesse caso, as professoras alfabetizadoras: “A escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si”.

Santos, (2008, p. 211) acrescenta ressaltando que as narrativas tem implicações sobre a formação do professor:

infere-se que as narrativas são estratégias potencializadoras para o desenvolvimento profissional e que as vidas dos professores estão cruzadas com a história da sociedade, da escola enquanto instituição educadora e da profissão, possibilitando-se compreender a dimensão singular e complexa da ação docente e ressignificar processos formativos.

Relembrar as experiências e aprendizagens permite a reflexão sobre a ação, e pode contribuir para conhecer e melhorar a prática docente. Assim, as narrativas de vida, não servem apenas de nostalgia de um tempo vivido, mas, como possibilidade de que o sujeito tome a consciência de si como sujeito histórico, com o potencial de modificar o presente, reinterpretando-o, e agindo conscientemente nele, de maneira semelhante ou diferente da vivida anteriormente. Deste modo, os tempos: passado, presente e futuro estão interligados permitindo a reconstrução do passado no presente e a reorientar as ações futuras.

Conforme Silva (2003, p. 21), recordar é um ato inesgotável, pois ao narrar uma experiência vivida, essa não pertence apenas à vida específica, mas podem pertencer a várias vidas que se sintam pertencentes àquela narrativa. E assim justifica a relevância em “escutar” memórias de outros:

A riqueza de se ouvir experiências vividas por outras pessoas está no fato de podermos nos encontrar no outro, que é também um pouco de nós e, a partir disso, aprendermos formas de viver muito semelhantes, apesar de vividas por pessoas diferentes.

As exigências, atividades, desafios, atitudes e significados atribuídos à profissão docente vêm sofrendo alteração ao longo do tempo, conforme as necessidades e realidade social da qual estão inseridos.

Conforme Passos (2007, p.77), o trabalho docente possui algumas peculiaridades:

O ensino é uma prática social concreta, dinâmica, multidimensional, interativa, sempre inédita e imprevisível. É uma prática que recebe influências de aspectos econômicos, psicológicos, técnicos, culturais, éticos, políticos, institucionais, afetivos e estéticos. O desenvolvimento do trabalho docente, pelo grau de complexidade que envolve, não se encaixa em saberes estáveis, sistemáticos e instrumentais, automaticamente aplicados às situações de ensino aprendizagem.

O trabalho docente é interativo no sentido que lida com indivíduos, ao mesmo tempo em que estes, também são seres sociais, portanto, com diferentes características, história de vida, ritmos, interesses, necessidades e afetividades. Essas peculiaridades interferem diretamente em sala de aula, provocando variáveis reações e expectativas e tornam as situações de ensino singulares e imprevisíveis. (CAMPOS, 2007; PASSOS, 2007; SANTOS, 2008)

Conforme Tardif,

[...] Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos. Ora, essas escolhas dependem da experiência dos professores, de seus conhecimentos, convicções e crenças, de seu compromisso com o que fazem, de suas

representações a respeito dos alunos, e evidentemente, dos próprios alunos. (2002, p.132 *apud* PASSOS, 2007, p. 78)

Ainda sobre a interatividade do trabalho docente, Passos (2007), afirma que fomentar o interesse e participação do aluno e desenvolver seu trabalho de maneira satisfatória, exigem investimento pessoal do professor, ou seja, no exercício de sua prática, o professor investe o que ele é como pessoa. A autora cita Tardif para confirmar essa ideia:

Aquilo que nos parece ser a característica do trabalho investido ou vivido é a integração ou absorção da personalidade do trabalhador no processo de trabalho cotidiano enquanto elemento central que contribui para a realização desse processo.[...] Nesse tipo de atividade, a personalidade do trabalhador, suas emoções, sua afetividade fazem parte integrante do processo de trabalho: a própria pessoa, com suas qualidades, seus defeitos, sua sensibilidade, em suma, tudo o que ela é, torna-se de uma certa maneira, um instrumento de trabalho. Nesse sentido ela é um componente tecnológico das profissões de interação. Essa tecnologia emocional é representada por posturas físicas, por maneiras de estar com os alunos. (2002, p.142 *apud* PASSOS, 2007, p.79).

Assim, a experiência pessoal dos professores, também deve ser conhecida e valorizada:

[...] é necessário considerar que os professores envolvidos no processo de reflexão sobre a prática têm diferentes saberes, construídos pela experiência pessoal, que devem ser valorizados: são sujeitos com uma individualidade própria, com convicções, valores diferentes, são portadores de uma cultura que é importante respeitar, preservar e ampliar. (BRASIL, 2006, p.4)

Levando em consideração os aspectos citados, escolhemos como **questões orientadoras** para a presente pesquisa: O que a trajetória dessas professoras revelava sobre as teorias e práticas utilizadas na alfabetização de crianças? As experiências vividas na sua própria alfabetização influenciaram a prática das professoras alfabetizadoras? As professoras revelaram repetir em sua prática características da educação que vivenciaram? Que outros fatores, além do

ensino formal, fomentaram a escolha da profissão e prática desses professores? Qual efeito teve sobre esses professores a reconstrução dessas memórias?

Para responder a essas questões, elencamos como **objetivo geral**:

- Compreender como a experiência pessoal de alfabetização das professoras influencia na sua prática de sala de aula;

Os **objetivos específicos** são:

- Identificar a concepção, práticas e processos de ensino aprendizagem presentes na época em que as professoras foram alfabetizadas;
- Averiguar quais e como as vivências não escolares interferem na formação das professoras.

A pesquisa teve caráter qualitativo com orientação metodológica da abordagem autobiográfica de pesquisa e teve como material de análise as narrativas de professoras alfabetizadoras.

Connelly e Clandinin apontam a principal razão do uso das narrativas na pesquisa em educação:

[...] é que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente, vivem vidas contadas... por isso, o estudo das narrativas são o estudo da forma como os sujeitos experimentam o mundo. (1995, p.11 *apud* CUNHA,1997⁴)

Segundo Kramer e Souza (1996), ao optar pelo método autobiográfico, nos deparamos com questões de origem teórico-metodológico, que só podem ser superadas, quando se concebe que a construção do conhecimento poderá não ser apoiar em “verdades” fixas e imutáveis, pois as narrativas dos sujeitos são a sua

⁴ Não paginado

representação da realidade e assim, estão impregnadas de sentidos e reinterpretações.

A riqueza das narrativas está no fato de que nelas, o narrador revela o que é significativo no momento, é uma memória viva, que excede o tempo e espaço. Ao invés de ver como problema, Cunha (1997) defende que essa característica é a essência da pesquisa sócio-antropológica. “O fato de a pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos.”

Adentrando nas narrativas das professoras, transitamos entre a subjetividade e a objetividade das histórias narradas por elas. Assim, “se a história subjetiva é o que a investigadora procura, o método das histórias de vida é de fato o método mais válido.” (PLUMMER 1983, p.102 *apud* ARAÚJO, 1995, p.7)

Isabel Cunha explicita as dificuldades que temos em falar e escrever sobre nossas experiências pessoais e aponta algumas razões: o individualismo social; a ideia de que o saber cotidiano não condiz com o conhecimento científico; e por ter sido a trajetória cultural da escola inibidora dessa habilidade. Para ajudar a refletir sobre essa situação e acerca da formação docente a autora cita Greenne:

o professor é tratado como se não tivera vida própria, como se não tivera corpo, uma linguagem, uma história ou uma interioridade [...] Sua biografia pessoal foi esquecida, assim como as diferentes maneiras com as quais expressa a si mesmo através da linguagem, dos horizontes que percebe, as perspectivas com as quais olha o mundo. (1995, p.84 *apud* CUNHA, 1997)

Esperamos com esse estudo, conhecer a trajetória de vida desses professores sujeitos anônimos, comuns, porém singulares e imersas em um contexto social, histórico e social.

Metodologia da pesquisa

A fim de selecionar algumas professoras dispostas a colaborar com a pesquisa e obter as narrativas em tempo suficiente para organizar e analisar os dados obtidos, solicitamos inicialmente por e-mail a um grupo de professoras de alfabetização (atualmente denominado 1º ano do ensino fundamental) da rede pública de Fortaleza a quem havia ministrado formação, que escrevessem uma narrativa reflexiva respondendo a questão: Como me tornei a alfabetizadora que sou hoje?

Enviamos a proposta convite a aproximadamente trinta professoras, que receberam uma mensagem onde estava descrito brevemente o caráter e objetivo da pesquisa solicitando a participação de quem estivesse disposta a colaborar. Esperávamos escolher dentre as narrativas, as que demonstrariam um potencial reflexivo maior a fim de que obtivéssemos a resposta aos nossos objetivos e maiores detalhes sobre sua trajetória de vida.

Pelas mais diversas razões , não obtivemos respostas da grande maioria das solicitações, no entanto, quatro professoras demonstraram interesse em colaborar. Dessas, apenas duas, participaram de fato, as mesmas elaboraram e me entregaram uma narrativa escrita e posteriormente, tivemos uma conversa, onde as falas das professoras foram tomadas nota.

Após conversa com as primeiras professoras contatadas, algumas dessas professoras, afirmaram não ter recebido ou lido o email, outras afirmaram ter lido e depois esquecido, ou mesmo que não responderam visto terem sido alocadas como professoras alfabetizadoras sem que fosse escolha sua, daí considerar que não se encaixavam nos objetivos da pesquisa.

As omissões de muitas professoras me fizeram refletir: O procedimento inicialmente utilizado teria sido o mais apropriado? Careciam as professoras de motivação ou hábito de escrever? Faltava-lhes habilidade para o uso das ferramentas digitais? Teriam achado que a sua trajetória seja tão comum que não seria de interesse para uma pesquisa? Seja qual tenha sido a razão, teria de encontrar uma alternativa para obter material para minha pesquisa.

Felizmente, sabendo do meu interesse nas narrativas de professoras, recebi a escrita de três professoras de Palhano (município do interior do estado do Ceará onde também trabalhei em 2012). Comecei a analisá-las e organizar as informações conforme os objetivos da pesquisa, e posteriormente fui ao município a fim de obter das professoras respostas que não ficaram suficientemente claras para mim por meio da narrativa escrita.

Uma professora alfabetizadora da rede particular de ensino também demonstrou interesse em participar da pesquisa, assim, ao todo, seis professoras colaboraram com narrativas de suas experiências pessoais e profissionais. Assim, são cinco professoras da rede pública de ensino, sendo que duas da capital e três do interior do Ceará, e uma professora da rede particular da capital cearense. As mesmas nasceram entre os anos de 1961 e 1973, e todas estão na ativa, sendo que atualmente, uma delas, assumiu o cargo de coordenadora pedagógica na escola pública em que trabalha no interior do estado.

Como Kramer e Souza (1996), lembramos que ao buscar a mesma referência histórico-cultural, não pretendemos generalizar, homogeneizar as narrativas de cada professora. Buscamos conhecer a trajetória de vida individual, compreender como ela comunica com outras vidas e como as mesmas fazem parte de uma mesma história mais abrangente, a história coletiva, porém, sem desconsiderar a diversidade de cada história. Segundo as autoras, anteriormente citadas:

Quando uma entrevista traz conteúdos que podem ser reconhecidos em outras histórias contadas por pessoas que não se conhecem, estamos diante de um material que legitima uma experiência coletiva, algo que atravessa, percorre várias vidas e condensa aspectos que dizem respeito não só a uma época, como também a todo um sistema de relações sócio-culturais. (p. 25)

Tendo em mente esse pressuposto, organizamos o presente trabalho em capítulos os quais relacionam as memórias narradas pelas professoras com os objetivos da pesquisa. Logo após a introdução, no **Capítulo 1- As professoras contam a história**, a partir do olhar das professoras, identificamos as concepções,

práticas e processos de ensino aprendizagem presentes na época em que as professoras foram alfabetizadas; O **Capítulo 2- Ser professora**, revela os fatores que influenciaram na constituição dessas professoras e seu sentimento enquanto profissional. **Capítulo 3- De alfabetizada a alfabetizadora**, relata quais e como experiências pessoais de alfabetização das professoras influenciaram na sua prática de sala de aula, seguido pelas considerações finais e referências bibliográficas.

Em cada capítulo, optamos por citar a maior parte da narrativa das professoras de forma direta mantendo a autoria e beleza da fala das mesmas, memórias vivas, carregada de sentimento. Nos anexos, foram organizadas de forma individual e integral as narrativas escritas das professoras, que preferiram ser identificadas pelos seus próprios nomes.

CAPÍTULO I - AS PROFESSORAS CONTAM A HISTÓRIA

“O passado não é o antecedente do presente, é sua fonte.” (Bosi)⁵

Lembranças sobre o “fracasso escolar”: a face punitiva e excludente da escola

Neste capítulo, trago depoimentos que expressam momentos difíceis na formação dos sujeitos que expressam facetas punitivas e excludentes de realidade escolar, colaborando, assim, para o “fracasso” de muitos.

As memórias individuais falam de momentos históricos, revelando suas mazelas. Há uma concordância entre os autores do campo do currículo e de formação de professores de que há uma estrita relação entre as narrativas de professores e os conhecimentos no campo historiográfico da educação.

Sobre a relação entre memórias das professoras e história, Goodson afirma:

Os estudos referentes as vidas dos professores podem ajudar-nos a ver o indivíduo em relação com a história do seu tempo, permitindo-nos encarar a intersecção da história de vida com a história da sociedade, esclarecendo, assim, as escolhas, contingências e opções que se deparam ao indivíduo. (1992, p. 75 *apud* KRAMER e SOUZA, 1996, p.20)

Lima (2007, p.83), trazendo o discurso para o grupo de professoras alfabetizadoras, assevera:

Estudos sobre o pensamento do professor, suas práticas e sua formação têm apontado para o caráter de construção do conhecimento e do desenvolvimento profissional ao longo do próprio exercício da docência e para a construção pessoal desse tipo de conhecimento.[...]Tais estudos referem-se, igualmente, a processos

⁵ 1987, p.48 *apud* Cunha, 1997

de socialização profissional, de desenvolvimento pessoal e de identidade profissional e vêm apontando sistematicamente a importância da experiência pessoal e da consideração da prática profissional do professor como uma das mais significativas fontes da história da educação e da formação. As lembranças de um grupo de pessoas, com pertencimento comum, como é o caso de professores alfabetizadores, são muito importantes para a construção da cidadania e da identidade profissional de seus autores. Com base nas reminiscências da vida profissional e pessoal, é possível escrever belos textos literários, ou textos de história, uma vez que essas também são fontes de pesquisa para a produção de textos históricos que revelam as trilhas percorridas pelo conhecimento da arte de alfabetizar em diversas décadas.

Escutamos os relatos das professoras ciente da importância das suas vivências como reveladora de histórias: teorias, situações, dificuldades, práticas e crenças as quais podemos encontrar similitudes com narrativas de outros sujeitos históricos e outras fontes de pesquisa.

Dentre os problemas enfrentados ao longo da história da escolarização brasileira, podemos citar a dificuldade de acesso à escola, (falo de acesso no sentido mais amplo da palavra), a distância territorial, a evasão escolar, fracasso na alfabetização, dificuldade ao acesso a leitura e escrita, e aulas ministradas em locais arranjados, fatos expostos nos depoimentos das professoras⁶:

O meu processo de educação escolar foi um pouco demorado, principalmente nas séries iniciais, período em que tive que repetir algumas séries.[..] Com 9 anos de idade, em 1981, ingressei na 1ª série do 1º grau , na mesma escola e com a mesma professora, nessa serie fiquei dois anos. [...] No ano de 1983 iniciei mais um ano letivo com muitas dificuldades de assimilar conteúdos. Fui reprovada novamente na 2ª série[...] (Professora Lucineide)

Como a professora Lucineide, a professora Letícia também afirma ter sido reprovada na primeira série. (atualmente denominado 2º ano)

⁶ As falas das professoras serão apresentadas em itálico, após uma pausa

Pesquisas do IBGE/ INEP⁷, também indicam alta taxa de reprovação no final da antiga 1ª série do ensino fundamental, hoje 2º ano. Os dados apontam que em 1956, 56,6% dos alunos eram reprovados, e mais de trinta anos após, em 1987, 51%. Na última década, esse índice não é tão alarmante, porém, convivemos com uma nova realidade, alunos que passam de uma série a outra sem ao menos saber ler, ou estarem efetivamente alfabetizados, lendo e compreendendo o que leu.

Dias e Engers (2005.p. 506), também expõem essa realidade e afirmam que em geral, a responsabilidade do fracasso recai sobre o professor e/ou o aluno:

O índice considerável de fracasso nos primeiros anos do Ensino Fundamental é culturalmente justificado, ora rotulando o aluno como incapaz de aprender, ora rotulando o professor como incapaz de ensinar, o que coloca a alfabetização ainda como um grande desafio que a escola precisa enfrentar.

Visando justificar a evidenciada disparidade, entre o desempenho de crianças das classes populares e as de classe média, presumia-se que faltava algo nas crianças das camadas mais pobres, para compensar esse “déficit”, eram utilizados exercícios de prontidão, com ênfase na coordenação motora.

Á partir da década de 1980, principalmente, o fracasso escolar passou a ser analisados em relação a problemas didáticos e pedagógicos vivenciados na escola. Brasil aponta que a compreensão do processo de alfabetização a partir dos estudos psicogenéticos comprovou que, independente das classes sociais, as crianças aprendem a ler e escrever da mesma forma, o que diferia no resultado, era o fato de que as crianças mais favorecidas tinham maiores oportunidades de participação em práticas sociais de a leitura e escrita. (BRASIL, 1997; BRASIL, 2006)

Sobre o fracasso escolar, Soares (2003b) afirma que as diferentes áreas (Psicologia, Lingüística, Pedagogia) têm tratado a questão de forma independente. A autora ainda declara que os dados buscam excludentemente a explicação do

⁷ Conforme dados revelados pelo PROFA (Brasil, 2006, p. 143)

problema no aluno, no professor, no contexto cultural, no método, no material didático e no próprio código escrito.

Acreditamos que o fracasso escolar inclui fatores mais amplos que transpõem a sala de aula e não podem ser explicados por uma única causa.

A prática do castigo e intimidação, também surgiu no depoimento de algumas professoras. A professora, Lucineide cita o uso da palmatória e castigos na escola aplicada como forma de punição pelo “erro”:

Apesar de seu método tradicional, rígido, utilizando a palmatória e castigos, a professora mantinha com seus alunos um relacionamento afetivo, sempre preocupada e interessada pela aprendizagem, procurava incentivar os alunos. E assim, com seus métodos e orientações, pude consolidar uma pequena parte da minha educação.

Sobre seus sentimentos diante de práticas excludentes e intimidações vividas na escola enquanto era aluna na 2ª série, a professora Lucineide ainda arrazoá:

Não ficaram boas lembranças [...] A professora era rígida e preconceituosa; as vezes castigava seus alunos sem nenhum motivo. Ela não gostava de mim e nem eu dela. Acho que porque era muito rebelde e não lhe obedecia e também não a deixava aplicar-me castigo. Ela administrava suas aulas com uso da soletração, tabuada e castigo da palmatória para correção do erro ou do não cumprimento da tarefa. Mas, apesar do meu desempenho escolar não ser muito bom, principalmente nas 1ª e 2ª séries, eu nunca deixei professora nenhuma me castigar.

A professora Regina também relembra a forma em que era aplicado o castigo na escola, quando era aluna no município de Itaiçaba no interior do estado:

Eu nunca fiquei de castigo, mas lembro que a professora colocava as crianças de castigo de joelhos no caroço de milho. [...] Eu tinha vergonha de perguntar, então levava a dúvida pra casa. Tinha uma moça que ajudava, mas ela não era professora.

A professora Meire, alfabetizada e alfabetizadora no interior do estado, cita o uso da palmatória e castigos e revela como testemunhar esse método de intimidação a deixava insegura, porém, também relata boas lembranças dessa mesma professora:

Lembro-me também de seus severos castigos que me amedrontavam e faziam com que eu ficasse cada vez mais tímida. [...] Ela era bastante divertida com suas cantigas de roda. Se preocupava muito em fazer com que o aluno aprendesse.

As três professoras do interior do estado também contam sobre o longo trajeto entre sua casa e a escola e falta de transporte, fato que a fez mais tarde desistir temporariamente da escola. A professora Meire descreveu:

[...] durante três anos [...] andando todo dia oito quilômetros ida e volta, a pé, para poder assistir aula.

As narrativas também revelam a carência de espaços, profissionais e materiais nas escolas. Algumas situações citadas, turmas multisseriadas e instalações inadequadas é uma realidade ainda presente especialmente em algumas localidades, e afetam professores e alunos.

Comecei a estudar na turma de jardim II (hoje, infantil 5) em uma escola improvisada, era uma casa e os quartos eram salas de aula. No ano seguinte a escola fechou. (Professora Letícia)

As aulas aconteciam em um salão. No mesmo salão funcionavam aulas de diversas séries era uma turma multisseriada. Havia uma mesa grande com banco. (Professora Regina)

No grupo escolar também só tinha duas salas.[...]Era uma sala numerosa com multisseriado. A professora desdobrava-se para passar seu conteúdo escrito e depois da lição, e não se preocupava em perguntar para o aluno se ele compreendeu ou não. (Professora Lucineide)

A professora Meire também rememora as modestas instalações onde iniciou sua vida escolar. A forma nostálgica na qual revela os detalhes, descrição do local e pessoas, indica a relevância desse período na sua trajetória pessoal:

Nessa época não existia colégio na comunidade onde morava, mas contávamos com a jovem Lúcia Maria que lecionava para uma turma de crianças na residência de seu pai. Era uma casa de taipa, com paredes feitas de barro amassado e jogado a mão contra uma armação de varas finas ou bambu, que tinha um alpendre e uma sala ampla. Algumas vezes, realizava as atividades na sala. Outras vezes, no alpendre, colocando mesas e bancos da própria família para os alunos sentarem, tinha ainda uma lousa móvel e giz. Com esse material dava sua aula. [...] As vezes tinha merenda feita pela mãe da professora, a senhora Perpétua, que ao mesmo tempo que cozinhava o almoço da família preparava também a merenda pra os alunos de sua filha, no fogão a lenha que ficava na cozinha de sua casa. Os próprios membros da família, o Senhor Delfino e seu filho Francisco, se prontificava a colocar lenha e água para o consumo de casa e para cozinhar nossa merenda.

Entrelaçadas as narrativas das professoras também encontramos alguns fatos políticos e sócio-econômicos. A professora Lucineide revela alguns fatos como: a ditadura militar e a instabilidade econômica no governo Sarney, os quais segundo ela influenciaram sua vida pessoal e a educação na época como: a introdução da

disciplina de estudos sociais e o sistema de telensino, também citados pela professora Meire.

Narrativas sobre a formação dos professores: a busca da profissionalização

Podemos perceber também nas narrativas das professoras a mudança na exigência quanto à formação dos professores nos últimos 40 anos.

Parei de estudar por sete anos, no entanto quando deixei, já comecei a ensinar devido à carência de profissionais da área na zona rural. Em 1993 voltei a estudar [...] trabalhava e estudava ao mesmo tempo [...] os dois (prefeito e secretário de educação da cidade) prevendo para breve a reformulação na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e a exigência de que para continuar exercendo o cargo de professor, este precisaria ter o 2º grau completo, incentivaram os professores do município a fazerem esse curso para que deixassem de ser leigos e passassem a ter o 2º grau completo [...] Recebi um diploma de conclusão do 2º grau, com habilitação específica para o exercício do magistério com direito a lecionar de 1ª a 4ª série do 1º grau. (Professora Meire)

A busca pela profissionalização também está presente no depoimento de outras professoras:

Durante o 2º e 3º ano do curso normal, não houve necessidade de estágio em sala de aula, pois na época eu já estava no exercício do magistério, em salas de pré-escolar, alfabetização e 1ª série. (Professora Lucineide)

Comecei em turmas do infantil logo que terminei o 2º grau juntamente com o curso pedagógico, o qual era regulado pela lei de Diretrizes e bases da Educação 5692/71 no ano de 1984. Assim que terminei o pedagógico, com 18 anos, comecei a ensinar na educação infantil e dois anos após, o 1º ano. (Professora Letícia)

Após terminar o 2º grau, fiz o curso pedagógico. Sabendo que uma vizinha trabalhava em uma escola particular de Fortaleza, pedi que ela me conseguisse um emprego, pois morava com uma tia e queria ter dinheiro para comprar minhas coisas. Comecei a trabalhar na escola como auxiliar de professora e quando necessário substituía os professores. Foi minha primeira experiência e fui gostando, então fui convidada para ser professora. Iniciei na educação infantil e depois fui professora de várias turmas. A escola que trabalhava fechou e uma de suas sócias deu início a outra escola com a mesma proposta construtivista a qual ainda trabalho há 26 anos. [...] A dona da escola me incentivou a fazer faculdade. (Professora Regina)

Vários movimentos foram realizados visando à melhoria da formação do professor. A LDBEN 9.394/96 determina como desejável, que a formação do professor para atuar na educação básica seja realizada em nível superior, porém, mais de uma década depois, ainda há constatação de professores em atividade sem essa titulação. De acordo com Romanowski (2007), baseado em dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 500 professores que atuavam em turmas de alfabetização tinham o ensino fundamental incompleto, 1.500 o ensino fundamental completo e 40.500 o ensino médio e 6.300 o ensino superior.

Passos (2007, p.85) caracteriza a docência como profissão, como tal, é imprescindível uma formação apropriada:

O ensino aprendizagem, sua inerência interativa, a imprevisibilidade e singularidade das situações, o tipo de saber necessário ao enfrentamento dessas situações e as interferências do contexto histórico são alguns elementos que ratificam a afirmação da docência como profissão e a necessidade de uma formação adequada para o seu exercício.

Com relação às teorias que embasaram a prática docente nas últimas décadas, a professora Letícia também descreve sua experiência:

[...] essa escola utilizava o método Montessoriano e para alfabetizar, era o método fonético [...] a solução era utilizar os modelos com os quais havia sido alfabetizada, bem tradicional [...]. Na década de 90 chegaram as informações sobre a teoria construtivista, as quais me seduziram e começaram a mexer nessas verdades. Só que havia uma confusão de informações que não compreendia, ainda refletindo-se na prática continuando essa angústia e a sensação de continuar perdida.

Conforme Letícia, era “modismo” entre algumas escolas particulares de renome em Fortaleza o método Montessoriano. Letícia afirma que os materiais eram muito ricos e duráveis, a maioria feita de madeira. Eram compostos de fichas com figuras e palavras contendo diferentes letras, letras de madeira e de lixa a qual cada criança passava o dedo para compreender o traçado da letra.

A respeito do ensino da linguagem Nicolau (1996, p.43) afirma: “Nas escolas Montessorianas [...] quando a mão está exercitada e se reconhecem as letras, a criança pode escrever palavras e orações inteiras.”

Refletindo sobre sua participação como sujeito histórico a professora Letícia ainda relatou:

Vivi diferentes momentos da educação, o 2º grau profissionalizante, o método fônico e o método construtivista.

Ressaltamos que nas narrativas das professoras encontramos, mais do que relatam os livros de história da educação, a professora, fonte viva da história de alguém que experimentou em sua vida pessoal e profissional situações de disciplina e indisciplina, aprovação reprovação, espaços escolares improvisados, castigos e punições, métodos e teorias que fundamentaram a sua prática.

Encontramos histórias singulares, em alguns aspectos, situações bem distintas, outras vezes bem semelhantes que refletem a história coletiva. História da educação viva, autêntica, construída e reconstruída diariamente por essas professoras.

CAPÍTULO II - SER PROFESSORA

“O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”

(Nias J.)⁸

Ser professora, uma escolha?

No capítulo anterior, as professoras relataram sua busca em validar a profissão que algumas já exerciam por meio dos cursos de formação de professores, sendo estes, elementos importantes na construção do ser e dos saberes docentes. No entanto, constatamos outros fatores que influenciaram direta ou indiretamente na prática desses professores: as experiências vividas no contexto familiar e escolar.

Em suas narrativas, as professoras recordaram-se de pessoas que foram importantes no processo escolar: as boas lembranças de professores que tiveram ao longo de sua escolarização, incentivo da família, o exemplo de algum membro que foi professor.

A professora Meire rememora a preocupação que sua mãe tinha com sua educação, mesmo que ela própria fosse analfabeta:

[...] uma coisa que minha mãe costumeiramente fazia era procurar pela tarefa de casa e sentar junto comigo quando eu ia resolver, se eu não conseguisse fazer sozinha ela pedia ajuda a alguém da vizinhança. Nunca me deixou voltar para a aula sem resolver a tarefa de casa. Essa atitude responsável da minha mãe, ensinou também esse imenso valor e traduz a minha certeza da valiosa contribuição da família para a aprendizagem das crianças.

Meu pai teve grande influência na minha aprendizagem, pois o mesmo foi professor do programa MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Eu participava das

⁸ Kramer e Souza, 1996, p. 23

aulas, escrevendo, lendo, fazendo calculo e ajudando alguns alunos. [...] O aprendizado desse período não ocorreu apenas na escola, mas nas brincadeiras nas amizades nas contação de histórias oral das pessoas idosas nas farinhadas e debulhas de feijão. (Professora Aurinete)

A professora Regina também lembra fatos da sua infância e considera que os mesmos contribuíram para a escolha da profissão:

Quando era criança brincava de ser professora. Um baú da minha avó era o birô. Os alunos eram imaginários. Eu fazia as atividades e eu mesma respondia certo e errado para fazer correção. Às vezes, a boneca fazia o papel de aluna. Quando terminava meu caderno, aproveitava os espaços que sobravam não riscados, cortava e fazia cadernos bem pequenininhos, colava com grude e escrevia. [...] Eu adorava as aulas de educação física, e tinha pensado em ser educadora física, desisti porque tinha de nadar muitos metros, e eu tinha muito medo por que eu quase tinha morrido afogada. [...] também adorava as aulas de psicologia.

Entrelaçando sua trajetória de vida com as narrativas das professoras alfabetizadoras as quais participaram da sua pesquisa, Jesus (2000, p. 24), concluiu que “O ‘ser professora’ não aparece nas vidas das professoras de forma naturalizada.” A autora cita professoras que interrogavam quase se desculpando: “Posso falar que eu não escolhi ser professora, não é?” A própria autora também confessa “Não foi por opção que me fiz professora, foi, justamente, por falta de opção”.

Também constatamos em nossa pesquisa, pelo menos, duas professoras que acreditavam não se encaixar nos objetivos da pesquisa visto não terem escolhido ser professora alfabetizadora. Dentre as professoras que participaram da pesquisa, algumas deixaram claro que também não escolheram tornar-se professora, e revelam que circunstâncias contribuíram para que se tornassem as professoras que são:

Em 2001, passei no concurso para professora da rede municipal de Fortaleza, e desde então estou na mesma escola que no início. Iniciei no infantil 5 e somente há três anos ensino no 1º ano, que corresponde a alfabetização. Não existe nenhum fato importante que tenha me influenciado a ser uma alfabetizadora, confesso que ser professora não era uma opção na minha vida, mas seguindo conselhos resolvi tentar e obtive êxito. (Professora Livramento)

A professora Leticia revela que não lhe restavam muitas opções:

Não imaginava que seria alfabetizadora. Antes desse período, admirava minha tia, que era alfabetizadora, preparava as aulas com muito capricho e eu achava bonito. Acho que por isso optei por esta profissão. Era a referência que eu tinha. [...] Sabia apenas que não gostaria de ser vendedora como meu pai. Dentre as profissões que ouvia falar: empregada doméstica, bancário, conhecia muito pouco, sobre a profissão de professora, tinha como referência minha tia a qual admirava. Quando fiz o 2º grau dentre, a contabilidade, laboratório e pedagógico, preferi o pedagógico, visto que tinha dificuldade na aprendizagem da matemática.

Para alguns, também, ser professor foi mais que uma escolha, visto que o curso era o único ministrado em sua cidade:

Em 1994, por escolha própria, e também por ser o único curso oferecido na escola [...] segui a carreira do magistério, que era chamado curso pedagógico. Era a única escola do município que oferecia 2º grau, atendendo a uma grande demanda de alunos. Com professores comprometidos com a educação e com novos métodos de trabalhos em sala de aula, pude ampliar meus conhecimentos, tornando-me uma pessoa mais flexível e me aperfeiçoando e adaptando-me as novas condições que o meio social oferecia. (Professora Lucineide)

Essa tem sido a realidade em muitos municípios do interior do estado, onde ainda é difícil o acesso da população ao ensino superior e o número de cursos ofertados é escasso. Sem muitas opções de escolha, restam aos estudantes desse nível, em geral, os cursos de licenciatura.

Jesus (2000), chamou atenção a atuação desrespeitosa das políticas educacionais, ao implantar nos municípios os mesmos cursos e padronizá-los, não levando em consideração a realidade e as demandas locais.

Na escuta e análise dessas narrativas, encontramos fatos e pessoas marcantes na vida de cada uma, e evidenciam que quando chegaram à sala de aula, as professoras também trouxeram consigo imagens, crenças, sentimentos, valores, saberes, aspirações, mitos que construíram a partir das suas vivências em coletividade.

Ser professor em meio às adversidades

Refletindo sobre a profissão de professor da Educação Básica no Brasil, observamos que foi idealizada uma figura social, desconsiderando a multiplicidade do professor. Arroyo confirma essa idéia:

Dói a imagem de professor que carregamos, [...] São as imagens dos outros projetadas sobre o magistério. [...] o que sabemos fazer e temos de fazer no cotidiano convívio com a infância, adolescência e juventude não cabe em imagens simplificadas, nem em um único conceito, professor, docente, mestre, alfabetizador, supervisor, orientador. Carregamos todos, uma história feita de traços comuns ao mesmo ofício. (2000, p. 13 *apud* DIAS e ENGERS, 2005, p.509)

Revelando experiência pessoal e profissional dessas professoras, damos voz a elas e damos-lhes a oportunidade de serem representadas por si mesmas.

As professoras Letícia e Livramento, respectivamente, relataram seus sentimentos ao aceitarem o convite para ser professora, pela primeira vez, em turma de alfabetização:

Fiquei com muito medo de assumi-la, mas resolvi arriscar [...] As demais professoras tinha medo das exigências e das dificuldades [...] esse sentimento é passado pra gente quando se é inexperiente.

No início foi difícil, fiquei insegura devido à falta de experiência, mas aos poucos fui me envolvendo e aperfeiçoando minha formação através da leitura e cursos.

Após muitos anos como professora alfabetizadora, a professora Regina reflete sobre a imagem e cobrança que recai sobre essa profissional:

Eu gosto de ensinar no infantil 5 e no primeiro ano, porém, o primeiro ano carrega o peso de as crianças terem que ser alfabetizadas, se não acontecer, é por que a professora não foi boa profissional, já é cultural. No infantil 5, a aprendizagem acontece naturalmente, sem muitas cobranças.

Dias e Engers (2005) elucidam o motivo do temor que as professoras recém-formadas têm de atuar no primeiro ano escolar. As autoras destacam a forma como a alfabetização tem sido tratada nos cursos de formação inicial, também de como as políticas públicas e instituições internacionais como a UNESCO atribuem a alfabetização parte da responsabilidade pelo progresso socioeconômico da sociedade. Sendo assim, recai sobre a professora a cobrança da sociedade em geral e escolar para que “não fracassem” no exercício dessa responsabilidade que lhe foi atribuída.

A professora Letícia ratifica que se sentia impotente diante da dificuldade em alfabetizar seus alunos, ao mesmo tempo em que revela a carência na sua formação inicial:

Fiz vários cursos sobre a metodologia utilizada nesse colégio, mas não me sentia segura, pois tinha dificuldade em alfabetizar as crianças. Não compreendia seus

fundamentos e nem entendia os motivos que levaram as crianças a não aprenderem. Trabalhei durante muitos anos com o método fonético, mas não sabia da sua história, localizá-lo no tempo e no espaço, não compreendia seus fundamentos por falta de leitura e estudo. Como não tinha experiência em outros métodos achava que aquela realidade era a única forma para alfabetizar. Meus poucos conhecimentos não eram suficientes para ensinar alguém a dominar a língua. Então a solução era utilizar os modelos com os quais havia sido alfabetizada, bem tradicional. Consequentemente sofria muito em não saber como ajudá-los. Se não conseguia resolvê-las era por pura incompetência. Essa era a minha imagem da época. (Professora Letícia)

Paradoxalmente, apesar dos discursos de valorização da alfabetização, observamos as dificuldades desses professores principalmente no início do trabalho com grupos de alfabetização.

Assim como as professoras citadas, Dias e Engers (2005) ainda observam que em estudos que analisam os depoimentos de alfabetizadoras, também apontam as dificuldades encontradas por essas professoras.

Sobre a situação do ensino-aprendizagem no Ceará, conforme pesquisa realizada pelo Comitê Cearense para a eliminação do Analfabetismo Escolar, em parceria com as universidades cearenses: UFC, Unifor, Uece, Uva e Urca, em 2004, e revelaram que:

- somente 15% dos alunos liam e compreendiam pequenos textos;
- a maioria das universidades não contava com matriz curricular adequada para formar o professor alfabetizador;
- o professor não possuía metodologia para alfabetizar, abusava de cópias na lousa e usava mal o tempo de aula que era bastante reduzido: as aulas iniciavam algum tempo depois do horário oficial, terminavam mais cedo que o previsto e os intervalos de recreio eram estendidos. (CEARÁ, 2008, p.9)

Dias e Engers (2005, p.518), revelam a inadequação do currículo dos cursos de formação de professor “no que se refere a questões didático-pedagógicas e sociopolíticas que se articulam ao processo de ensino e aprendizagem da linguagem escrita”.

Passos (2007, p. 85), também destaca a necessidade dos currículos dos cursos valorizarem os saberes e experiências dos professores em formação:

No caso da formação inicial destaca-se a necessidade dos currículos dos cursos interagirem mais estreitamente com os conhecimentos e crenças que os futuros professores trazem de suas vivências e experiências pessoais, sociais e escolares. No caso da formação continuada, evidencia-se a urgência de que as estratégias formativas levem em conta os saberes elaborados pelos professores ao longo de suas carreiras e não se limitem apenas à apresentação de conhecimentos estáticos, sem interlocução com a prática dos professores.

Quanto a formação do professor alfabetizador, Soares (2003b, p.24) acrescenta requer uma especificidade:

[...] exige uma preparação do professor que o leve a compreender as diversas facetas (psicológica, psicolinguística, sociolinguística e linguística) e todos os condicionantes (sociais, culturais e políticos) do processo de alfabetização, que o leve a saber operacionalizar essas diversas facetas (sem desprezar seus condicionantes) em métodos e procedimentos de preparação para a alfabetização e em métodos e procedimentos de alfabetização, em elaboração e uso adequados de materiais didáticos, e, sobretudo, que o leve a assumir uma postura política diante das implicações ideológicas do significado e do papel atribuído à alfabetização.

Conforme Brasil (2006, p. 4), é imprescindível uma constante reflexão sobre a prática, abalizada em um referencial teórico, pois, quando o professor toma consciência das teorias que orientam o seu trabalho, torna-se mais autônomo para planejar e refletir sobre a sua própria prática. E destaca: "Teoria e prática são indissociáveis; sempre há teorias que embasam o trabalho do professor, mesmo que ele não saiba quais são elas. A teoria ilumina a prática, e a prática põe sem questão a teoria".

Para Zabala (1998, p.33) a nossa prática traduz a ideia que temos, de como se constrói a aprendizagem.

Quando se explica de certa maneira, quando se exige um estudo concreto, quando se propõe uma série de conteúdos, quando se pedem determinados exercícios, quando se ordenam as atividades de certa maneira, etc., por trás destas decisões se escondem uma ideia sobre como se produzem as aprendizagens.[...] Por trás de qualquer prática educativa sempre há uma resposta a “por que ensinamos” e “como se aprende”.

Assim, corroboramos o que afirma Pimenta (1999), referida por Passos(2007) e Campos (2007), que a construção da identidade do professor é constituída : na sua vivência como aluno; na experiência socialmente acumulada sobre o que é ser professor; nos saberes adquiridos a partir da sua experiência como docente; na atitude compreensiva e crítica para com o conhecimento; e no confronto dos saberes pedagógicos com situações problemas reais de sala de aula.

Sobre sua caminhada em busca de fundamentar e aprimorar a sua prática, a professora Letícia relata:

Até que com o tempo e me atualizando com as novas pesquisas em educação, aprendendo a pensar, a ver as mudanças que estavam ocorrendo e a realidade com os outros olhos, comecei a perder o medo e perceber que não estava só. Comecei a estudar mais e rever alguns conceitos principalmente os ligados a área da educação e da linguagem construídos até hoje: a minha visão de mundo, de pessoa, de aprendizagem, de língua, dentre outros. Os cursos que fiz ao longo desse tempo, tanto nos colégios, por conta própria como na especialização (fiz duas: Psicomotricidade Clínica e Institucional e Alfabetização de Crianças) me ajudaram muito. Então as coisas começaram a encaixar. O mundo se descortinou ao descobrir e ter consciência do que é importante e básico para alfabetizar com fundamento. Isso me fez muito bem. Hoje sinto-me mais confiante em realizar essa desafiadora e bela tarefa de alfabetizar, embora ache que ainda há muito a aprender. É bom saber que os conceitos evoluem, mudam e que faz parte da nossa natureza esse movimento. Dá satisfação em querer aprender mais e não aceitar teorias como verdades absolutas e inquestionáveis.

Temos nos referido até o momento sobre a importância da formação inicial e continuada dos professores, porém, é necessário enfatizar que a formação por si só não garante uma educação de qualidade, a mesma deverá estar acompanhada de valorização pessoal e profissional do professor, o que inclui remuneração adequada, e melhoria das condições de trabalho.

Revelando as dificuldades encontradas na sua profissão hoje, as professoras as quais ouvimos, destacam as condições de trabalho que almejam: reconhecimento e valorização da profissão, melhores salários, menor carga de trabalho e tempo para estudo e planejamento.

Gostaríamos ainda de destacar que ao escolher o título desse capítulo, “Ser professora”, nos referindo à grande maioria dos profissionais alfabetizadores de crianças, como é o caso das professoras que escutamos, todas do sexo feminino.

Não pretendemos reforçar a concepção de que o ensino é uma atividade, tipicamente feminina, extensão da casa e da maternidade. Esse ideário, conforme Passos (2007, p.90), enfraquece a profissionalização docente: “O ideário da vocação e do sacerdócio articulado com a feminização do magistério é utilizado para intimidar a luta da categoria por melhores salários e condições de trabalho”.

CAPÍTULO III – DE ALFABETIZADA A ALFABETIZADORA

“O professor se liga à eternidade; ele nunca sabe onde cessa a sua influência.”

(Henry Adams)

Metodologias e recursos didáticos na alfabetização

Discutiremos nesse capítulo, sobre as metodologias e recursos utilizados durante a alfabetização de nossas professoras alfabetizadoras para entender quais as teorias que orientaram a prática dos professores e os resultados que essas práticas produziram na alfabetização de crianças.

Conforme narram as professoras, algumas delas tiveram o primeiro contato com suportes textuais e práticas de leitura na escola, enquanto outras tiveram essa vivência em casa ou em grupos sociais os quais participavam.

Foi nessa escola que tive o primeiro convívio com letras e números, pois em minha casa não tive contato com portadores de texto, meus pais não tinham escolaridade e naquela época não se convivia com tantos portadores de textos como hoje.
(Professora Meire)

Não me lembro de ter livros na escola, apenas a carta do ABC. Comecei a descobrir os livros quando meu pai começou a fazer um “bico” de vendedor de enciclopédia, e tive contato com alguns poucos contos como Peter Pan. Eu me envolvia com as figuras, mas ainda não lia. A bíblia e os folhetos das missas foram minhas maiores influências em termo de leitura. Adorava cantar, eu era do coral e queria aprender a ler para cantar. Até hoje gosto de cantar com meus alunos cantigas de roda que cantava quando criança. (Professora Letícia)

O aprendizado desse período não ocorreu apenas na escola, mas nas brincadeiras, nas amizades, na contação de história oral das pessoas idosas, nas farinhadas e

debulhas de feijão. Meu contato com literatura só se deu na adolescência através dos romances, entre eles Cinco Minutos de José de Alencar. A partir desses, surgiu o gosto pela literatura. (Professora Aurinete)

Meu pai e minha avó eram analfabetos, eu não tinha contato com a leitura em casa. Na escola, lembro-me apenas da carta do abc e da tabuada, não tinha livros infantis. As únicas histórias que escutava eram as contadas pelos mais velhos, histórias de assombração (de alma) e de uma butija de ouro. (Professora Regina)

Os relatos das professoras também exaltaram a importância da cultura oral, histórias contadas pelos mais velhos, em especial, diante da dificuldade de acesso aos livros e enquanto muitas pessoas da comunidade eram analfabetas. Hoje em dia, em virtude da falta de tempo e da cultura modernas, as famílias perderam o hábito de reunirem para contarem ou lerem história para as crianças. Assim, hoje, mais do que nunca, é imprescindível que a escola proporcione um ambiente alfabetizador e práticas de oralidade e leitura, além da escrita, para que as crianças possam desenvolver essas habilidades.

Sobre as características dos textos que as crianças devem ter acesso, Frank Smith defende:

Na verdade os únicos livros que devem ser lidos para as crianças ou que elas devem ler são aqueles que realmente despertam interesse, que contém rimas e histórias fascinantes, e não a prosa desinteressante e artificial a que muitas são obrigadas a prestar atenção, como por exemplo, ler sobre um dia entediante na vida de duas crianças fictícias ou então ler frases do tipo “Vovó viu a uva”.
(1999 *apud* BRASIL, 2006, p. 75)

Para a professora Regina, lembrar o tempo em que foi alfabetizada a remete a uma experiência pessoal triste, a qual fez questão de relatar com muita emoção e que não poderíamos omitir:

Vim de uma família pobre, porém, nunca passamos fome. Quando tinha 7 anos minha mãe se sentiu mal e morreu. Eu chorava muito e me sentia muito triste. Apenas aos 14 anos, tive a decepção de saber que ela não mais voltaria. Ficaram 6 filhos e eu era a mais velha. Um ano depois, meu pai casou novamente. Eu e meu irmão mais novo fomos morar com minha avó. O Penúltimo filho foi morar com uma tia em Fortaleza. Para comprar meu material escolar e algumas coisas em casa, eu trançava palha para fazer chapéu. Apesar de não lembrar o nome da minha primeira professora, eu gostava dela. Ela me deu uma boneca a qual tenho até hoje. Eu sonhava em ter uma boneca, minha avó tinha comprado vários bilhetes para um sorteio onde o prêmio seria uma boneca, não ganhamos, não gosto de sorteio até hoje. Minha avó queria que eu viesse para Fortaleza, ela fazia de tudo para que eu tivesse um futuro melhor. Vim para Fortaleza na expectativa de estudar e ter um emprego para ajudar a minha família.

Dentre as professoras que registraram o seu processo pessoal de alfabetização, todas foram alfabetizadas por meio de cartilhas, conforme a professora Meire, *num livrinho chamado carta do ABC*. Seus relatos revelam que no período em que foram alfabetizadas, era comum a aplicação de testes de leitura, famílias silábicas que deviam decorar, e exercícios de prontidão para a alfabetização.

A professora Regina descreve como eram realizadas as atividades:

Eu não me lembro muito de quando fui alfabetizada, não lembro o nome da professora, me lembro apenas que utilizava a carta do ABC e tinha que memorizar as letras. A professora cobria as letras e a gente tinha que dizer a letra que aparecia através de um buraquinho no papel.

Encontramos similaridades entre a experiência vivida pela professora Regina e Maria de Fátima, uma professora citada por Santos e Mendonça, (2007, p.13)

Na escola o que é que se fazia? Muito trabalho de cópia e memorização, a carta de ABC. [...] na escola você pegava todos os alfabetos para decorar ordenado, não é? Aí a professora fazia um negócio assim: ela pegava um pedacinho de papel cortava um furinho no meio e ia colocando para você dizer as letras salteadas, mostrar que você aprendeu o alfabeto. Por exemplo: aparecia o P, aí você demonstrava que não decorou só a seqüência, você decorou a letra.

Santos e Mendonça (2007, p.12) também descreveram o modelo do processo de alfabetização vivido pelas crianças dos séculos XVIII e XIX. O ensino da linguagem deveria ser iniciado pelas unidades menores (letras, sílabas) e levar à sua memorização; passar, então, para as palavras e, só depois introduzir os textos:

O escritor Graciliano Ramos, em seu livro autobiográfico *Infância*, lembra que se alfabetizou – ainda no final do século XIX, início do século XX – através da carta do ABC em que primeiro aprendeu todas as letras para, só no final da carta, ter contato com os primeiros textos – alguns provérbios que, embora soubesse decodificá-los, desconhecia seus significados.

As cartilhas se fundamentam nos métodos tradicionais de alfabetização propondo atividades repetitivas (cópia, memorização, dentre outras) sem domínio da lógica e convenções do sistema de escrita. Tanto as cartilhas que enfatizam o método silábico ou fônico, apresentam textos artificiais formados por frases descontextualizadas. (BRASIL, 2008).

Pesquisas realizadas em várias áreas do conhecimento como a psicologia, a lingüística, a sociolingüística, a psicolingüística, dentre eles a divulgação dos estudos de Emília Ferreiro a partir dos anos 80, exerceram grande influência nas propostas de trabalho com a alfabetização, questionando os métodos utilizados até então e provocando em foco as discussões sobre “o como se ensina” para “o como se aprende”.

O aprendizado do sistema de escrita não se reduz à codificação e a decodificação da relação grafema-fonema. Entendermos as diferença entre o sistema de codificação e de representação nos faz perceber o que há por trás de

práticas como a prontidão para alfabetização com exercícios de discriminação perceptiva visual e auditiva.

De acordo com Ferreiro (2000), as crianças dedicam grande esforço na construção de formas de diferenciação entre as escritas (variações sobre os eixos qualitativos e quantitativos). Para um texto escrito ser interpretável, são respeitadas duas exigências básicas: a quantidade mínima de caracteres (em geral oscila em torno de três), ou seja: com poucas letras não se pode ler; e a variedade interna para que uma série de grafias possa ser lidas (não podem ser repetidas).

Esse trabalho cognitivo, ou seja, construído pelas próprias crianças, contradiz as práticas utilizadas na alfabetização (o uso de fonemas isolados e seqüentes, o uso de palavras contendo apenas duas vogais e palavras tidas como simples por ter apenas três letras, ou mesmo, textos presentes nas cartilhas onde há a repetição excessiva de letras como: “o boi baba”). A leitura e escrita, sem uso social concreto, além de subestimar a capacidade da criança, não consideram as suas hipóteses sobre a escrita.

Sobre a cartilha, Mortatti (2000, p.8) esquadrinha:

Será a cartilha um mal necessário, de fato? Que outras concepções, que outras práticas, que outros conteúdos, que outras finalidades da alfabetização, que outras formas de acesso ao mundo da cultura seriam possíveis, o sentido de romper com esse pacto secular?

Embora as cartilhas tenham recebido fortes críticas, ainda podemos encontrar a mesma estrutura de texto das cartilhas em alguns livros de literatura infantil, livros de alfabetização ou até mesmo em textos criados pelos professores. Visando facilitar o processo de alfabetização, as mesmas acabam por artificializar e empobrecer a leitura.

As experiências relatadas pelas professoras exprimem que a leitura na escola, foi mais compatível com a leitura única, obrigatória e descontextualizada, afastando os alunos do hábito e prazer de ler e escrever.

Soares (2003a) alerta, que nas últimas décadas nas escolas brasileiras, também ocorreu o que a autora chama de “desinvenção da alfabetização”, ou seja,

passou-se do excesso, à perda de especificidade do processo de alfabetizar. Esse fenômeno acarretou na negação de qualquer método e na suposição de que para alfabetizar, basta o convívio com a cultura escrita.

Entendemos que, para garantir uma efetiva alfabetização, é necessário que os alunos participem de situações de leitura e produção de diferentes textos e reflitam sobre as características do nosso sistema de escrita alfabético.

Ecos da memória na prática alfabetizadora

As memórias escolares do processo pessoal de alfabetização têm implicação na prática dos professores. Conforme a educadora Regina Scarpa citou em Brasil (2006, p. 32):

[...] a própria experiência escolar anterior tem um papel preponderante nas representações pessoais sobre a educação, a escola, os professores, os alunos, os conteúdos da aprendizagem, as estratégias de ensino etc.

Rememorar estas experiências, compará-las com sua prática profissional atual, ou com situações de aprendizagem que está planejando, podem ser intervenções importantes neste processo porque favorecem a conscientização sobre a concepção de ensino presente em uma e na outra proposta pedagógica. Revisando sua história como aprendiz, o professor pode desenvolver empatia com o processo do aluno e transformar suas ideias iniciais sobre como conduzir o processo de ensino.

Nos relatos de sua vivência enquanto alunas, localizamos algumas lembranças que marcaram significativamente essas professoras, como a que a professora Letícia expõe:

Do período em que fui alfabetizada não guardo nenhum registro afetivo, não me lembro nem mesmo o nome da professora. Lembro-me que recitava o alfabeto da carta do ABC. Na verdade, minha alfabetização foi traumatizante. Não sabia o que fazer na escola, para mim, era um lugar estranho e seco. Me sentia uma estranha

fora do ninho, peixe fora d'água [...] só a professora falava, e eu que era uma criança reservada não tinha a atenção da professora. (Professora Letícia)

Santos e Mendonça (2007, p. 13) apontam, que as marcas negativas deixadas durante o processo de alfabetização, não foram exclusivas da professora Letícia citada acima, e revelam as causas que levaram a esse sentimento:

A experiência “traumatizante” de alfabetização na escola devia-se não só aos castigos aos quais muitos de nós fomos submetidos, mas às próprias atividades desenvolvidas, com ênfase na repetição e na memorização de letras, sílabas e palavras sem significados. [...] essa experiência escolar muitas vezes era amenizada pelas práticas de leitura vivenciadas no ambiente familiar [...]

Percebemos no depoimento de algumas professoras, que as mesmas reproduziram na alfabetização dos seus alunos, práticas que vivenciaram em sua própria alfabetização. Observando as narrativas, nos deparamos com as expressões:

[...] a solução era utilizar os modelos com os quais havia sido alfabetizada.

[...] copiei vários erros pedagógicos.

Observamos também nas suas falas, a identificação e admiração por determinados professores e negação a outros. Além das outras professoras já citadas pela professora Lucineide, a qual ela descreveu como “preconceituosa, rígida”, a mesma também traz em sua narrativa a influência de alguns outros professores sobre sua vida:

Fiz a 3ª e 4ª séries com a professora Maria [...] ela era uma pessoa comprometida com seu trabalho e carinhosa com seus alunos. Foi com ela que eu aprendi a partilhar e respeitar o próximo, pois além de professora na escola, foi também ela quem me preparou para receber os sacramentos da primeira eucaristia. [...] O professor da época era o inesquecível José que contribuiu muito no processo de

aprendizagem, na aquisição de conhecimentos e habilidades e na formação de atitudes e valores de seus alunos. [...] Quero ressaltar o quanto aprendi na escola pública. Tive bons e maus professores que de uma maneira ou de outra contribuíram significativamente na minha educação.

Quanto à influência do professor na história pessoal do aluno, no seu livro *Pedagogia da autonomia*, Freire (1996, p.96) enfatiza:

[...] o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Notamos implícita ou explicitamente nas narrativas, que as experiências que marcaram mesmo que negativamente essas professoras, serviram para que as fizessem refletir que tipo de educadoras gostaria de ser:

Resgatando a minha vida escolar e profissional surgiram várias reflexões sobre minha postura na sala de aula. Percebi que “copiei” vários erros pedagógicos, mas também superei muitos desafios e adquiri um grande aprendizado; entre eles o de que como educadora eu não posso esquecer-me do meu papel diante da sociedade e que a escola é uma preparação para a vida, uma janela aberta a novos horizontes.
(Professora Aurinete)

A respeito do início de sua trajetória como professora alfabetizadora e sua situação atual, as professoras avaliam:

No início eu utilizava os encontros vocálico: ai, ui, uai... Eva viu a uva... eu odiava. Muitos dos meus alunos não conseguiam ler e eu me perguntava: o que estou fazendo aqui? Era como seguir uma receita de bolo e o resultado nem sempre era a leitura. Desisti de ser professora, fui ser autônoma, mas não gostei e resolvi voltar.

Comecei a estudar as Teorias da aprendizagem e voltei com mais consciência. Hoje estou confiante e gosto de trabalhar com turmas de 1º e 2º ano. (Professora Leticia)

Gosto do que faço, faço pela criança, não para agradar aos pais e a empresa, mas pela criança, para que ela venha crescer, ir além do potencial dela, isso me deixa muito feliz. Sou realizada, independente das dificuldades e independente do que ganho. (Professora Regina)

Hoje posso dizer que o contato com as crianças, a emoção de cuidar e educar, de ver a alegria no rosto de cada uma ao aprender, ao conseguir ler, creio que isso tenha me influenciado a seguir em frente e está até hoje nessa profissão que é muito desafiadora, mas muito desgastante devido aos inúmeros obstáculos que enfrentamos no dia a dia ao longo de cada jornada. (Professora Livramento)

Assim, verificamos nas narrativas das professoras, que rememorar fatos ocorridos no passado, as permitiu, de certa forma, reconstruí-los no presente, transformando o que é necessário e possível de ser transformado, resultando em um exercício profissional mais reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Trago dentro do meu coração, como um cofre que não pode fechar de cheio...’ as marcas de tantas histórias de professores(as) [...] impregnam minha própria história” - (Jesus, R. F.)

Ao descrever como se tornaram as professoras alfabetizadoras que são, as professoras narraram detalhadamente, ou de forma mais sucintas, suas trajetórias de vida. Nelas, rememoraram pessoas e situações que crêem ter contribuído para a escolha da profissão e para sua formação, e revelaram seus sentimentos em relação à profissão.

Discutimos as dificuldades enfrentadas por essas professoras na sua própria escolarização, algumas das quais ainda bem presentes; bem como as marcas que o professor e as experiências escolares, deixaram na história de seus alunos.

Enfatizamos também, a importância da escola como espaço de práticas de leitura e escrita prazerosas e significativas, e a necessidade do professor ser um efetivo usuário da língua.

As narrativas das professoras fazem lembrar e repensar nossas próprias trajetórias - como nos descobrimos professoras. Assim como algumas professoras as quais escutamos e pudemos apreciar pelas referências teóricas consultadas, também não imaginávamos que seríamos professora⁹.

Fazemo-nos professoras na prática diária. Destacamos a importância do exemplo de alguns professores da universidade e do apoio de algumas colegas professoras, as quais generosamente compartilharam sua vasta experiência.

Os depoimentos das professoras também revelaram a carência na preparação do professor para a atuação em turmas de alfabetização.

⁹ Ler Apêndice

Nós, alunas e alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, também sentimos, na prática, essa realidade. Os dois currículos em desenvolvimento no curso não contemplam adequadamente as necessidades formativas no campo da alfabetização e letramento. O currículo de 2007, conta com uma disciplina obrigatória de 04 créditos, “Alfabetização e letramento”, e a disciplina “Ensino de Língua Portuguesa”, de 06 créditos, enquanto no currículo anterior a este, a primeira disciplina nem mesmo existia.

Podemos ainda ressaltar, que além das disciplinas relativas à especificidade do processo de alfabetização serem escassas, são dosadas e subordinadas ao rumo que dará o professor que ministrará a disciplina. Se essa é a realidade no curso de Pedagogia de uma renomada instituição em que o curso noturno leva em média 05 anos para ser concluído, que dizer dos cursos aligeirados (cursos de curta duração)?

Nos cursos noturnos, em especial, pela dificuldade em relação ao estágio em classes de alfabetização de crianças no período noturno, é dada ênfase a alfabetização de adultos, porém, muitos desses alunos atuarão, ou mesmo já atuam com o público infantil. Parece-me que acontece na formação inicial com a alfabetização, o que vulgarmente chamamos: “está em cima do muro”, ou seja, não faz parte da educação infantil, e nem efetivamente do ensino fundamental, onde não é há nem mesmo um estágio específico no currículo do curso.

Profissionalmente, percebemos a exigência cada vez mais rígida, devido à busca de melhores resultados nas avaliações externas, as quais geram reconhecimento e benefícios para a escola. A cobrança de resultados, sem que seja dado o suporte e o devido reconhecimento ao professor, gera neles o desânimo. Assim, muitos, quando possível negam-se a atuar em turmas de alfabetização ou mesmo abdicam da profissão. Deste modo, é comum em turmas de alfabetização de crianças, a troca constante de professoras e atuação de professores recém contratados e substitutos. A falta de experiência, agravada pela carência na formação inicial, faz com que fiquem ansiosos por uma “receita mágica” que resulte na alfabetização efetiva de seus alunos, e com que muitos professores utilizem na sua prática os modelos que conhecem, em geral, do seu próprio processo de alfabetização.

Entendemos que são imprescindíveis, na formação do professor alfabetizador, os conhecimentos didático-pedagógicos e sócio-políticos articulados ao processo de ensino aprendizagem da língua. Também, a necessidade de uma política educacional mais abrangente que inclua além do aluno, a valorização do professor.

Ao escolhermos como objeto de estudo, as narrativas das professoras, adentramos em um terreno novo. Apesar dos desafios envolvidos na concretização desse projeto, consideramos que foram válidas para a composição deste trabalho e alcance dos objetivos pretendidos, além de resultar em realização pessoal e profissional.

Muito aprendemos com as histórias narradas pelas professoras. Percebemos como nossas histórias, pois também nos incluímos nessa categoria, se articulam com as histórias coletivas, de ser professora. Acreditamos que ainda há muito a ser ouvido e finalizamos cientes da necessidade de que outras histórias sejam contadas e recontadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Helena Costa. As professoras primárias e as suas histórias de vida: das origens aos primeiros anos de vida profissional. **Educação, Sociedade e Culturas**, n. 3, 1995. 7-36.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos de memória**: quem sou eu? São Paulo: Paulos, 2008. Coleção questões fundamentais do ser humano; 7.

BRASIL. Ministério da educação. **Programa de Formação Continuada de professores dos anos/séries iniciais do Ensino Fundamental**: alfabetização e linguagem. Brasília: MEC, 2008. 364p.

BRASIL. Ministério da educação. **Programa de formação de professores alfabetizadores**: Guia do formador: módulo I. Brasília: MEC, 2.ed. , 2006.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa . Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Proposta didática para alfabetizar letrando**. Fortaleza: Seduc, 2008.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**: São Paulo, vol.23, n.1-2.Jan./Dec. 1997. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-5551997000100010> >. Acesso em: 30 jan. 2013.

DIAS, Cleuza Maria Sobral; ENGERS, Maria Emília Amaral. Tempos e memórias de professoras alfabetizadoras. **Educação**: Porto Alegre – RS, ano XXVIII, n. 3 (57), 505-523, Set./Dez. 2005.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales(ET. AL.), 25.ed. atualizada. São Paulo: Cortez, 2000. Coleção Questões da nossa época; v.14.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, Regina de Fátima de; Sobre alguns caminhos trilhados...ou mares navegados... Hoje, sou professora. *In*: VASCONCELOS, Geni Amélia Nader (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

KRAMER, Sonia; SOUZA, Solange Jobim e. (orgs.) **Histórias de professores**: leitura, escrita e pesquisa em educação. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, Maria Eliana Matos de Figueiredo. As memórias na formação de professores e professoras. *In*: FERREIRA, Andrea Tereza Brito; ALBUQUERQUE, Eliana Borges

Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (org). **Formação continuada de professores**. 1ª ed. 2ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 120p

MORTATTI, M. R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: Um pacto secular. **Caderno CEDES**, v. 20, n. 52. Campinas, nov. 2000.

NICOLAU, Marieta, Lúcia Machado. **A educação pré-escolar: fundamentos e didática**. São Paulo: Ática, 1996.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. As contribuições de Paulo Freire para uma abordagem biográfica de pesquisa e de formação. *In*: VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério. (Org). **O pensamento pedagógico hoje**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

PASSOS, Carmensita Matos Braga. Docência: identidade e profissionalidade. *In*: PASSOS, Carmensita Matos Braga. **Novos Projetos Pedagógicos para Formação de Professores: Registros de um percurso**. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

PERES, Eliane. (Org). **Memórias de alfabetização**. Pelotas: Seiva, 2007.234 p.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. **Formação e profissionalização docente**. 3.ed.rev. e atual.- Curitiba: IBEX, 2007

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia.(org.) **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. 1ª ed., 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.152 p.

SANTOS, Sydione. A narrativa como estratégia de formação e de reflexão sobre a prática docente. **Rev.Teoría e Prática da Educação**, v. 11, n. 2. 207-217, Maio/Agosto 2008.

SILVA, Marilda da. **Como se ensina e como se aprende a ser professor: a evidência do habitus professoral e da natureza prática da didática**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção Social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomás Tadeu da. (org) **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ : Vozes: 2000.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. **Presença Pedagógica**. V. 9. n.52, Belo Horizonte: Dimensão jul/ago 2003a.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003b.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si**. Estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BH, UNEB, 2006.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: Como ensinar**. Porto Alegre, ArtMed, 1998.

APÊNDICE

Como “eu mesma” me tornei a professora que sou?

Motivada pela leitura de histórias de vida de professoras, decidi escrever brevemente minha trajetória a qual resultou na professora que sou hoje.

Depois de escutar da professora Regina sobre suas brincadeiras de infância, rememorei minhas brincadeiras vivenciadas na infância: fazer comidinhas, confeccionar roupas para bonecas, brincar de desfile, de laboratório, sem esquecer das brincadeiras de rua que adorava: carimba, dono da rua, bila, corda e elástico e das brincadeiras com minha prima: de ser professora. Coincidentemente, mais tarde, nos tornamos professoras e formadoras de professoras, assim como também minha irmã, minha aluna “cobaia” a qual eu mesmo ainda criança, ajudei a descobrir a leitura e escrita.

Sempre uma eterna apaixonada pela leitura, descoberta aos cinco anos de idade, (lia até bula de remédio), a literatura infantil me fascinava (me fascina até hoje). Adorava ler os mais variados gêneros e adorava ir para a casa de um tio para ler sua coleção de revista em quadrinhos. Minha leitura fluente era motivo de orgulho e meu pai fazia de tudo para mostrar aos outros que eu já lia. Andando pela rua e de dentro do ônibus lia as placas e outdoors espalhados pela cidade. Do período de escola, lembro-me da professora Eliane, a qual foi minha alfabetizadora, no entanto não tenho lembranças do método e dos suportes de textos utilizados na escola.

Fiz vestibular nas Universidades Estadual e Federal para os cursos de Pedagogia e Economia Doméstica respectivamente. Escolhi os cursos pela identificação com a grade curricular, além da menor procura, pois não me sentia muito preparada. Para minha surpresa, passei para os dois cursos, porém, não me matriculei em pedagogia. Não imaginava que um dia me tornaria professora (repetia que não tinha jeito para ensinar pois tinha receio de falar em público).

Conheci no curso de economia doméstica sobre o desenvolvimento humano que me fez desejar aprofundar meu conhecimento na área. Em especial a professora Fátima Sampaio me inspirou como exemplo de competência, bondade e sabedoria. Assim que conclui o curso, fui convidada por outra professora da

universidade para trabalhar em uma escola particular na qual permaneço até hoje como professora de crianças de cinco a seis anos. Em 2007 fui convidada a participar do Programa Alfabetização na Idade Certa e logo assumi como tutora de um grupo de formadores de alguns municípios do interior do estado e posteriormente formadora de professores. Voltei para a universidade, dessa vez para cursar Pedagogia visando ter o direito de fato para exercer minha profissão e alargar meus conhecimentos.

Nesse percurso, tive que vencer muitos obstáculos, porém, tenho encarado as adversidades com determinação e otimismo e vivido experiências que me fazem crescer gradativamente como pessoa e profissional. A cada dia me descubro como “uma professora”, e espero seguir com as características que admiro nas crianças: a curiosidade e disposição de aprender.

Carla Shirley

26 de Janeiro de 2013

ANEXOS

ANEXO 01- Narrativa de Cláudia, formadora de professores do município de Caucaia

Era uma vez uma menina engraçadinha, bonitinha, mas nem tanto... Os olhos dela pareciam duas bilas pretas, os cabelos eram negros e escorridos, feitos embiras, aquelas que o povo do sertão conhece tão bem. A pele dela era escura como piche. Esta menina parecia ser como todas as outras meninas da sua idade. Gostava muito de brincar de bonecas, pega-pega, subir em árvores... Mas, tinha algo que ela trocava por qualquer que fosse a brincadeira, a mais divertida que fosse. Ela trocava tudo que estivesse fazendo, por uma boa história. Amava ouvir histórias. Suas preferidas eram as de princesas. Ao ouvir as histórias ela se imaginava dentro delas e sempre, é claro, era a princesa. Até que um dia sua irmã lhe indagou algo que até então, ela ainda não havia se questionado: Existe princesa negra?

Poxa! Isso foi o fim... O fim nada isso foi só o começo, pois a partir daí a menina começou a pensar e decidiu que queria aprender a ler e a escrever o mais rápido possível, pois queria escrever uma história sobre uma princesa negra. Aos cinco anos e meio no pré-2, era assim que se denominava o que hoje chamamos infantil 5, ela começou a aprender as vogais, consoantes e isso não era o bastante. Estava sempre querendo aprender mais, então a professora começou a ensinar –lhe as famílias: b com a = BA, b com e= be... c com a= Ca, c com o= co, c com u... Quando chegava nessa parte ela não conseguia dizer, pois ria muito.

Conhecendo algumas famílias ela começou a juntá-las e foi decifrando alguns códigos. Chegou a um ponto que a assistência que a professora lhe dava não era o bastante, então ela viu que precisava de outra pessoa para lhe ajudar. Entra em cena seu irmão mais velho, que com toda paciência do mundo foi a pessoa fundamental para a construção de sua alfabetização. Como tinham poucos recursos, o caderno era algo que não poderia ser usado com frequência, só para as tarefas escolares, pois não podia gastar as folhas, então eles utilizavam o terreiro da casa para escrever as letras, famílias...

Em uma dessas aulas, no quintal de casa, a menina e seu irmão riscavam e apagavam as letras escritas com uma vareta no chão de terra batida, o dia tão esperado chegou: ela conseguiu realmente aprender a ler. Não só as sílabas que a professora havia dada como lição, mas qualquer sílaba que o irmão escrevia no chão ela lia, depois foi dizendo as palavras. Quando ela percebeu que isso era ler, não conseguiu conter a emoção e as lágrimas vieram a banhar seu rosto, lágrimas que foram se misturando com o lindo sorriso que ela tinha. A essa altura, o irmão também estava com os olhos cheios de lágrimas e não conseguiu se conter... A menina saiu gritando para todos que encontrava na rua o que havia acontecido: - já sei ler, já sei ler!!!!!!!!!!!!!!

O tempo foi passando, a menina foi crescendo, o sonho de escrever uma história de uma princesa negra foi ficando esquecida... Mas depois dessa história escrita, quem sabe ela escreve a tal história pretendida?

ANEXO 02- Narrativa de Aurinete, professora alfabetizadora da cidade de Palhano

Este memorial retrata acontecimentos do passado até os dias atuais que refletiram na minha vida profissional.

Resgatando a minha vida escolar e profissional surgiram várias reflexões sobre minha postura na sala de aula. Percebi que “copiei” vários erros pedagógicos, mas também superei muitos desafios e adquiri um grande aprendizado; entre eles o de que como educadora eu não posso esquecer-me do meu papel diante da sociedade e que a escola é uma preparação para a vida, uma janela aberta a novos horizontes.

Eu, Aurinete iniciei minha vida escolar no ano de 1979, no Grupo Escolar João Mateus Sobrinho. Tive com primeira professora Ivonete. O básico do mundo das letras foi ela quem me ensinou e não tive nenhum problema de aprendizado.

A metodologia aplicada era muito tradicional: sentávamos em filas atrás um do outro, a leitura era feita soletrada; havia ditado cópias de lição, estudo da tabuada, questionário sem compreensão, sem interpretação.

Aprendizagem era de forma mecanizada; não havia criação, criatividade, flexibilidade. Só se estudava o que estava no livro, nada, além disso. Dessa forma não se construía conhecimento porque o aluno era um ser passivo, não participava da aula não era sujeito de sua aprendizagem; só absorvia aquilo que era dado pronto e acabado; não havia a preocupação da criação, interpretação e compreensão. O que importava era o aluno codificar as letras, mesmo que ele não entendesse o que estava lendo.

Meu pai teve grande influência na minha aprendizagem, pois o mesmo foi professor do programa MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Eu participava das aulas, escrevendo, lendo, fazendo cálculo e ajudando alguns alunos. Isso facilitou muito o meu desenvolvimento; tanto na leitura, como no domínio dos quatro operações matemáticas.

O aprendizado desse período não ocorreu apenas na escola, mas nas brincadeiras nas amizades nas contação de histórias oral das pessoas idosas nas farinhadas e debulhas de feijão. Meu contato com literatura só se deu na adolescência através dos romances entre eles Cinco Minutos de José de Alencar. A

partir desses surgiu o gosto pela literatura. Antes o meu contato era com os livros didáticos e revistas em quadrinho.

Atualmente, a escola tem o papel de conduzir os alunos a aprender a ler e escrever com postura crítica e não mecânica; sem se preocupar apenas com a quantidade de informações gramaticais e exercícios; mostrando para o aluno o valor da leitura e da escrita para a sua vida, praticando diversos usos da linguagem. Para dominar mais a língua portuguesa que é mais um passo em direção ao seu crescimento intelectual e, conseqüentemente, para os exercícios da cidadania.

Além disso, na escola usa poemas e canções, revistas, jornais e outras diversas fontes que se constituem uma oportunidade de ler e explorar com os alunos, pois a linguagem é o instrumento que o aluno, ser humano em formação, usa para relacionar-se com o mundo. Em síntese, comunicar é estar no mundo, é participar.

ANEXO 03- Narrativa de Letícia, professora alfabetizadora da rede municipal de Fortaleza

Quando escolhi ser professora não imaginava que seria alfabetizadora. Antes desse período, admirava minha tia, que era professora alfabetizadora, preparava as aulas com muito capricho e eu achava bonito. Acho que por isso optei por esta profissão. Era a referência que eu tinha. Comecei em turmas de infantil, logo que terminei o 2º grau juntamente com o curso pedagógico, o qual era regulado pela lei de Diretrizes e Bases da educação 5692/71 no ano de 1984. Passei dois anos na primeira escola e em 1986 surgiu uma vaga no Colégio Santa Cecília na turma de alfabetização e fui a escolhida. Fiquei com muito medo de assumi-la , mas resolvi arriscar. Fiquei lá nove anos. As demais professoras não queriam por medo das exigências e das dificuldades, pois essa escola utilizava o método Montessoriano e para alfabetizar, era o fonético (esse sentimento negativo é passado pra gente quando se é inexperiente). Nesses nove anos experimentei tanto o método fonético, como iniciei meus primeiros passos na teoria construtivista. Pra mim esse novo momento foi revolucionário. Achava que ali estavam minhas respostas para minhas angústias.

Fiz vários cursos sobre a metodologia utilizada nesse colégio, mas não me sentia segura, pois tinha dificuldade em alfabetizar as crianças. Não compreendia seus fundamentos e nem entendia os motivos que levavam as crianças a não aprenderem. Meus poucos conhecimentos limitavam-se ao que havia aprendido nos bancos escolares, os quais não eram suficientes para ensinar alguém a dominar a língua. Então a solução era utilizar os modelos com os quais havia sido alfabetizada, bem tradicional. Consequentemente sofria muito em não saber como ajudá-los. Se não conseguia resolvê-las era por pura incompetência. Essa era minha imagem nessa época. E sofria sozinha.

Trabalhei durante anos com o método fonético, mas não sabia da sua história, localizá-lo no tempo e no espaço, não compreendia seus fundamentos por falta de leitura e estudo. Como não tinha experiência em outros métodos achava que aquela realidade era única forma para alfabetizar. Essa escola sempre investiu muito em formação. Até hoje é assim e admiro-a por isso, mesmo não estando mais lá. Na década de 90, chegaram as informações sobre a teoria construtivista, as quais me

seduziram e começaram a mexer nessas verdades. Só que havia uma confusão de informações que não compreendia, ainda refletindo-se na prática continuando essa angústia e a sensação de continuar perdida.

Até que com o tempo e me atualizando com as novas pesquisas em educação, aprendendo a pensar, a ver as mudanças que estavam ocorrendo e a realidade com outros olhos, comecei a perder o medo e perceber que não estava só. Comecei a estudar mais e rever alguns conceitos, principalmente os ligados a área da Educação e da linguagem construídos até hoje: a minha visão de mundo, de pessoa, de aprendizagem, de língua, dentre outros. Os cursos que fiz ao longo desse tempo, tanto nos colégios, por conta própria como na especialização (fiz duas: Psicomotricidade Clínica e Institucional e Alfabetização de Crianças) me ajudaram muito. Então as coisas começaram a se encaixar. O mundo se descortinou ao descobrir e ter consciência do que é importante e básico para alfabetizar com fundamento. Isso me fez muito bem. Nesse período trabalhei com alfabetização e infantil 5 no colégio Santo Inácio e atualmente, alfabetizo meus alunos do 1º e 2º ano da prefeitura de Fortaleza.

Hoje sinto-me mais confiante em realizar essa desafiadora e bela tarefa de alfabetizar, embora ache que ainda há muito a aprender. É bom saber que os conceitos evoluem, mudam e que faz parte da nossa natureza esse movimento. Dá satisfação em querer aprender mais e não aceitar teorias como verdades absolutas e inquestionáveis.

Para terminar, gostaria de ilustrar esse texto com a letra da música Tocando em frente, pois representa um pouco como me sinto perante a vida e meu trabalho.

Tocando em frente- Almir Sáter

Ando devagar porque já tive pressa
E levo esse sorriso porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe
só levo a certeza de que muito pouco sei, ou nada sei...
Penso que cumprir a vida seja simplesmente
compreender a marcha e ir tocando em frente...

ANEXO 04- Narrativa de Livramento, professora alfabetizadora da rede municipal de Fortaleza

Em 2001, passei no concurso para professora da rede municipal de Fortaleza, e desde então estou na mesma escola que no início, inicialmente era um anexo e depois se tornou patrimonial. Iniciei no infantil 5 e somente há três anos ensino no 1º ano, que corresponde a alfabetização.

Não existe nenhum fato importante que tenha me influenciado a ser uma alfabetizadora, confesso que ser professora não era uma opção na minha vida, mas seguindo conselhos resolvi tentar e obtive êxito. No início fiquei insegura devido a falta de experiência, mas aos poucos fui me envolvendo e aperfeiçoando minha formação através de leituras e cursos.

Hoje posso dizer que o contato com as crianças, a emoção de cuidar e educar, de ver a alegria no rosto de cada uma ao aprender, ao conseguir ler, creio que isso tenha me influenciado a seguir em frente e está até hoje nessa profissão que é muito desafiadora, mas muito desgastante devido aos inúmeros obstáculos que enfrentamos no dia a dia ao longo de cada jornada.

ANEXO 05- Narrativa de Regina, professora alfabetizadora da rede particular de ensino

Quando era criança brincava de ser professora. Um baú da minha avó era o birô. Os alunos eram imaginários. Eu fazia as atividades e eu mesma respondia certo e errado para fazer correção. As vezes, a boneca fazia o papel de aluna. Quando terminava meu caderno, aproveitava os espaços que sobravam não riscados, cortava e fazia cadernos bem pequenininhos, colava com grude e escrevia. Minha família era pobre, mas nunca passamos fome, tirávamos leite mugido da vaca e fazíamos, assim sempre tinha o que comer.

Quando tinha 7 anos minha mãe se sentiu mal e morreu. Eu chorava muito e me sentia muito triste. Apenas aos 14 anos, tive a decepção de saber que ela não mais voltaria. Ficaram 6 filhos e eu era a mais velha. Um ano depois, meu pai casou novamente. Eu e meu irmão mais novo fomos morar com minha avó que também morava em Palmácia. O Penúltimo filho foi morar com uma tia em Fortaleza.

Eu não me lembro muito de quando fui alfabetizada, não lembro o nome da professora, me lembro apenas que utilizava a carta do ABC e tinha que memorizar as letras. A professora cobria as letras e a gente tinha que dizer a letra que aparecia através de um buraco no papel. As aulas aconteciam em um salão. No mesmo salão funcionavam aulas de diversas séries era uma turma multisseriada. Havia uma mesa grande com bancos.

Eu nunca fiquei de castigo, mas lembro que a professora colocava as crianças de castigo de joelhos no carço de milho. Eu tinha vergonha de perguntar, então levava a dúvida pra casa. Tinha uma moça que ajudava, mas ela não era professora.

Meu pai e minha avó eram analfabetos, eu não tinha contato com a leitura em casa. Na escola, lembro-me apenas da carta do abc e da tabuada, não tinha livros infantis. As únicas histórias que escutava eram as contadas pelos mais velhos, histórias de assombração (de alma) e de uma butija de ouro.

Para comprar meu material escolar e algumas coisas em casa, eu trançava palha para fazer chapéu. Apesar de não lembrar o nome da minha primeira

professora(alfabetizadora), eu gostava dela. Ela me deu uma boneca a qual tenho até hoje. Eu sonhava em ter uma boneca, minha avó tinha comprado vários bilhetes para um sorteio onde o prêmio seria uma boneca, não ganhamos, não gosto de sorteio até hoje.

Minha avó queria que eu viesse para Fortaleza, ela fazia de tudo para que eu tivesse um futuro melhor. Vim para Fortaleza aos 14 anos na expectativa de estudar e ter um emprego para ajudar a minha família. Queria também ter dinheiro para comprar minhas coisas, queria escolher o que usar, mas não podia.

Em Fortaleza estudei em uma escola particular com bolsa de estudos. Nunca repeti de ano. Eu adorava as aulas de psicologia e educação física, e tinha pensado em ser educadora física, desisti porque tinha que nadar muitos metros e eu tinha muito medo por que eu quase tinha morrido afogada.

Após terminar o 2º grau, fiz o curso pedagógico. Sabendo que uma vizinha trabalhava em uma escola particular de Fortaleza, pedi que ela me conseguisse um emprego, pois morava com uma tia e queria ter dinheiro para comprar minhas coisas. Comecei a trabalhar na escola como auxiliar de professora e quando necessário substituía os professores. Foi minha primeira experiência e fui gostando, então fui convidada para ser professora. Iniciei na educação infantil e depois fui professora de várias turmas.

A escola que trabalhava fechou e uma de suas sócias deu inicio a outra escola com a mesma proposta construtivista a qual ainda trabalho há 26 anos. A dona da escola me incentivou a fazer faculdade.

Eu gosto de ensinar no infantil 5 e no primeiro ano, porém, o primeiro ano carrega o peso de as crianças terem que ser alfabetizadas, se não acontecer, é por que a professora não foi boa profissional, já é cultural. Enquanto no infantil 5, acontece naturalmente.

Ser professora dá trabalho, é muita coisa, além disso devia ser mais valorizado. Apesar de tudo, gosto do que faço, faço pela criança, não para agradar aos pais e a empresa, mas pela criança, para que ela venha crescer, ir além do

potencial dela, isso me deixa muito feliz. Sou realizada, independente das dificuldades e independente do que ganho.

ANEXO 06- Narrativa de Lucineide, professora alfabetizadora, atualmente coordenadora pedagógica da rede pública do município de Palhano

“O homem só aprende quando está motivado e o que motiva o homem são os problemas e as aspirações da vida cotidiana.” (Paulo Freire)

Minha mãe matriculou-me aos 7 anos de idade na turma do jardim da infância da Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição, na comunidade de Carão, ligando-me pela primeira vez ao universo estudantil, em 1979. A escola era de fácil acesso, por ficar bem próxima a minha casa. O prédio tinha apenas suas salas de aula e um banheiro.

O sistema educacional da escola era tradicional. Os alunos estavam ali somente para aprender o que a professora transmitia. Foi através da carta do abc e tabuada, que a professora Maria me proporcionou o contato com os primeiros números, letras e fonemas.

Apesar de seu método tradicional, rígido, utilizando a palmatória e castigos, a professora mantinha com seus alunos um relacionamento afetivo, sempre preocupada e interessada pela aprendizagem, procurava incentivar os alunos. E assim, com seus métodos e orientações, pude consolidar uma pequena parte da minha educação.

O meu processo de educação escolar foi um pouco demorado, principalmente nas series iniciais, período em que tive que repetir algumas series, prejudicando assim minha vida escolar. Com 9 anos de idade, em 1981, ingressei na 1ª série do 1º grau , na mesma escola e com a mesma professora, nessa serie fiquei dois anos.Em 1982 fui aprovada para a 2ª série.

No ano de 1983 iniciei mais um ano letivo com muitas dificuldades de assimilar conteúdos. Fui reprovada novamente na 2ª série pela professora I..., que não deixou boas lembranças desse período, por ser uma professora rígida e preconceituosa; as vezes castigava seus alunos sem nenhum motivo. Ela não

gostava de mim e nem eu dela. Acho que porque era muito rebelde e não lhe obedecia e também não a deixava aplicar-me castigo. O seu método de ensino não era tão diferente da professora anterior. De forma tradicional, ela administrava suas aulas com uso da soletração, tabuada e castigo da palmatória para correção do erro ou do não cumprimento da tarefa. Mas, apesar do meu desempenho escolar não ser muito bom, principalmente nas 1ª e 2ª séries, eu nunca deixei professora nenhuma me castigar.

Minha querida mãe, querendo mudar-me de escola, fiz minha matrícula no grupo escolar Mateus Sobrinho, como era denominado na época, na comunidade de Jurema. Com muita facilidade, adaptei-me a nova escola e aos novos colegas. Esta contava com um espaço mais amplo, apesar de ter também só duas salas. A professora da época também não me cativou, utilizando o mesmo método tradicional das professoras anteriores. Era uma sala numerosa com multisseriado. A professora desdobrava-se para passar seu conteúdo escrito e depois da lição, e não se preocupava em perguntar para o aluno se ele compreendeu ou não. No final do ano, com notas e resultados satisfatórios, fui aprovada para a 3ª série.

As avaliações da época eram feitas a cada final de bimestre, através de uma prova decorativa. Os conceitos utilizados eram: ótimo, bom, regular e insuficiente; as disciplinas eram: português, matemática, estudos sociais; esta última era fruto das mudanças da ditadura que substituiu as disciplinas de história e geografia.

Fiz a 3ª e 4ª séries com a professora Maria(hoje minha colega de trabalho) apesar de conteudista, ela era uma pessoa comprometida com seu trabalho e carinhosa com seus alunos. Foi com ela que eu aprendi a partilhar e respeitar o próximo, pois além de professora na escola, foi também ela quem me preparou para receber os sacramentos da primeira eucaristia e do crisma. Esse período escolar e de vida pessoal, principalmente, foi um dos melhores que vivi. Era o início de uma nova fase de vida, adolescência. Tinha interesse por novos assuntos e preocupações com uma vida melhor; despontava em mim a vaidade, as incertezas, uma nova maneira de ver o mundo, de enfrentar desafios.

No ano de 1988 o Brasil vivia o Governo de José Sarney com seu Plano Cruzado que estabeleceu o congelamento de preços e salários. No início esse plano funcionou, mas após alguns meses a inflação voltou outra vez fora de controle. O governo lançou ainda mais dois programas de estabilização da economia, mas forma igualmente mal sucedidos. Lembro que nesse período as pessoas faziam fila no mercado para comprar um quilo de carne e as mercadorias começaram a sumir das prateleiras; quem comia feijão era rico.

Foi nesses dois anos de instabilidade econômica do governo Sarney, fiz a 5ª série, entre 1987 a 1988. Comecei na escola da comunidade de Barbada e não cheguei a concluir, pois em outubro de 1987 fui mandada pelo meu pai para trabalhar numa casa de família, na cidade de Palhano. De alguma forma o modelo econômico dessa época afetou a vida dos agricultores rurais, pois os mesmos enfrentaram muitas dificuldades. Para quem tinha uma família bem multiplicada como a minha, composta de 16 membros, não era nada fácil dar de comer e vestir quando o ano era ruim. Acho que foi por isso que meu pai mandou-me trabalhar fora, pois eu já era uma jovem adolescente cheia de novas necessidades as quais ele não tinha condições de corresponder.

Passei um ano na casa da dona Nilda. Estudei na 5ª série em Palhano, onde fui aprovada com boas notas. Essa escola era completamente o oposto da anterior com relação a sua estrutura física: possuía corredores, um pátio bem amplo, salas de aula com bom espaço e boa ventilação; e ao método de ensino: era utilizado o sistema de telensino que dava muita importância aos trabalhos coletivos e discussões em grupo.

No ano seguinte retornei para o seio familiar e em seguida, fui mandada mais uma vez para trabalhar em casa de família, desta vez em Fortaleza, a pedido de uma tia. Essa nova experiência não foi muito boa. Passei a viver uma nova realidade. Fui obrigada a ter uma outra postura diante das pessoas. Mas com certeza, tornei-me uma pessoa mais independente, pois tive que me adaptar ao novo contexto. Foi nesses anos em Fortaleza que conheci muitas pessoas que até hoje são amigas, colegas, e lá aprendi muito como pessoa, tornando-me um ser mais crítico, valorizando a vida, o humano. No ano seguinte, 1991, quando deveria

concluir o 1º grau, fui mais uma vez fui reprovada. Confesso que fiquei um pouco deprimida, mas não me deixei abater.

Felizmente voltei para minha terra natal; desta vez para morar com meus avós paternos, pois meus avós precisariam de uma pessoa que pudesse cuidar deles. Em 1993, voltei a estudar, a escola da comunidade foi reconhecida e abriu mais turmas, dando oportunidade para vários jovens ingressarem novamente na vida escolar, pois a maioria deles não tinha condições de ir para a cidade por falta de condições financeiras de ir para a cidade por falta de condições financeiras, e era difícil o acesso para a cidade com a distância de 14 quilômetros.

Foi o melhor ano de vida escolar. Eram ao todo 10 alunos; todos comprometidos e responsáveis, pois cada um sabia o que queria, mesmo porque todos já eram jovens adultos. Foi um ano de múltiplas interações; enraizaram-se muitas amizades, algumas conservadas até hoje. O professor da época era o inesquecível José que contribuiu muito no processo de aprendizagem, na aquisição de conhecimentos e habilidades e na formação de atitudes e valores de seus alunos. Ele trabalhava muito bem as inovações que a educação experimentava. Depois de tantos obstáculos superados e muito aprendido, chego ao término do curso. Quero ressaltar o quanto aprendi na escola publica. Tive bons e maus professores que de uma maneira ou de outra contribuíram significativamente na minha educação. Contribui também na construção da história da escola, a minha turma marcou a escola, sendo a 1ª turma a concluir a 8ª série, até hoje está lá, registrada através de fotos.

Vendo a necessidade de dar continuidade aos estudos, eu, minha turma e alunos de outras comunidades fomos falar com o prefeito da época, Dr. Joaquim Felix , na câmara dos vereadores. Fizemos o pedido de um transporte escolar, para que todos os alunos da zona rural que tivessem terminado o 1º grau maior pudessem ter oportunidade de se qualificar fazendo o 2º grau. Colocamos diante dele nossos problemas e dificuldades de acesso a cidade. Fomos atendidos e até hoje agradeço a ele por ter nos dado essa oportunidade.

Em 1994, por escolha própria, e também por ser o único curso oferecido na escola José Francisco de Moura, segui a carreira do magistério, que era

chamado curso pedagógico. Era a única escola do município que oferecia 2º grau, atendendo a uma grande demanda de alunos, tanto da cidade como da zona rural; e a mesma oferecia ótima estrutura física. Sua filosofia era o desenvolvimento da autonomia intelectual, do pensamento crítico, e o aprimoramento como pessoa e preparando-o para o mercado de trabalho.

Com professores comprometidos com a educação e com novos métodos de trabalhos em sala de aula, pude ampliar meus conhecimentos, tornando-me uma pessoa mais flexível e me aperfeiçoando e adaptando-me as novas condições que o meio social oferecia.

Durante o 2º e 3º ano do curso Normal, não houve necessidade de estágio em sala de aula, pois na época eu já estava no exercício do magistério, em salas de pré-escolar, alfabetização e 1ª série. Desde então, estou na escola pública, colocando em prática o meu conhecimento que adquiri ao longo dessa caminhada.

ANEXO 07- Narrativa de Mary, professora alfabetizadora do município de Palhano

Iniciei minha vida escolar no ano de 1980 quando já ia completar oito anos de idade, cursando a alfabetização num livrinho chamado Carta do ABC. Nessa época não existia colégio na comunidade onde morava, mas contávamos com a jovem Lúcia Maria que lecionava para uma turma de crianças na residência de seu pai. Era uma casa de taipa, com paredes feitas de barro amassado e jogado a mão contra uma armação de varas finas ou bambu, que tinha um alpendre e uma sala ampla. Algumas vezes, realizava as atividades na sala. Outras vezes, no alpendre, colocando mesas e bancos da própria família para os alunos sentarem, tinha ainda uma lousa móvel e giz. Com esse material dava sua aula. Essa escola funcionava em uma residência mas, era mantida pela prefeitura. As vezes tinha merenda feita pela mãe da professora, a senhora Perpétua, que ao mesmo tempo que cozinhava o almoço da família preparava também a merenda pra os alunos de sua filha, no fogão à lenha que ficava na cozinha de sua casa. Os próprios membros da família, o Senhor Delfino e seu filho Francisco, se prontificavam a colocar lenha e água para o consumo de casa e para cozinhar nossa merenda. Foi nessa escola que tive o primeiro convívio com letras e números, pois em minha casa não tive contato com portadores de texto, meus pais não tinham escolaridade e naquela época não se convivia com tantos portadores de textos como hoje. Saí de lá conhecendo letras e números e, no ano seguinte fui estudar na escola Municipal Santa Luzia que fica na comunidade de Luzilândia município de Palhano, para cursar a 1ª série com a professora Aleide, que morava na sede do município de Palhano e vinha lecionar na zona rural. Ela era bastante divertida com suas cantigas e brincadeiras de roda. Se preocupava muito em fazer com que o aluno aprendesse. Lembro-me também de seus severos castigos que me amedrontavam e faziam com que eu ficasse cada vez mais tímida.

No ano seguinte, aprovada para a 2ª série, continuei na mesma escola, dessa vez minha professora era a senhora Nazaré que também tinha boas metodologias de ensino e um ensino e um jeito sereno com todos alunos. Mas no meio do ano, meus pais tiraram-me do colégio devido a distância e a falta de companhia para que eu chegasse até lá. Não fiquei sem estudar, fui ser aluna

particular da senhora Francisca com quem estudei o restante do ano. As aulas aconteciam em sua residência, que era vizinha a casa de meus pais. Lembro-me que ela era severa na sua metodologia de ensino e utilizava de castigos como palmatória nas mãos de quem errasse. Mas com ela aprendi vários ensinamentos.

No ano posterior, fui estudar na comunidade de Feijão Bravo, local onde também não havia colégio e as aulas aconteciam na casa da professora Maria. Lá cursei novamente a 2ª série, dessa vez não era particular e sim mantida pelo município. Não havia livro na escola, os pais tinham que comprar. O meu livro tinha quatro disciplinas: português, ciências, estudos sociais e matemática. Além da aula normal de matemática, todo dia, ao chegar na escola a primeira atividade era resolver uma continha de cada tipo de operação matemática, tinha que resolver e tirar a prova. Isso marcou muito a minha vida escolar, pois o pouco que sei sobre as quatro operações devo aquela metodologia de ensino. Com aquela professora estudei na 2ª e 3ª série. E ela teve grande influência em minha vida escolar. Lembro-me muito bem que durante esses três anos, todo dia, antes de entrar na sala, fazíamos uma fila e cantávamos uma musiquinha, depois rezávamos várias orações, entrávamos na sala e íamos resolver as continhas. Era tradição daquela escola fazer festinhas que atraía as pessoas que vinham só para assistir. Os três anos que estudei lá foram maravilhosos, a pesar de ter passado todo esse tempo andando todo dia oito quilômetros, ida e volta, a pé, para poder assistir aula, mais valeu a pena, foi proveitoso e gratificante.

Durante minha trajetória escolar no curso primário, meus pais acompanharam-me bastante. Mesmo sendo analfabeta, uma coisa que minha mãe costumeiramente fazia era procurar pela tarefa de casa e sentar junto comigo quando eu ia resolver, se eu não conseguisse fazer sozinha ela pedia ajuda a alguém da vizinhança. Nunca me deixou voltar para a aula sem resolver a tarefa de casa. Essa atitude responsável da minha mãe, ensinou também esse imenso valor e traduz a minha certeza da valiosa contribuição da família para a aprendizagem das crianças.

Repensando sobre a prática docente de meus professores, agora percebo que naquele período, para ser professor tinha que ser rigoroso, não havia nada de errado naquela atitude, pois isso fazia parte do sistema educacional da época. Hoje,

o sistema de educação não pode mais ser totalmente rigoroso, tem que ser bastante flexível para que seu funcionamento dê certo e tenha bons resultados.

Em 1986, teria de cursar a 5ª série, mas na zona rural do município de Palhano ainda não era ofertada. Meus pais, por terem interesse em que eu continuasse estudando, matricularam-me em Pedras município de Russas. Por ser muito distante de onde morávamos e não ter transporte nesse percurso, não podia ir e vir todos os dias. Então, para poder estudar, precisei morar na casa de meus tios. Foi difícil, sofri em ter que deixar minha família e também me adaptar com o novo sistema de ensino que era TVE. Foi desafiador, mas a orientadora Neuma me ajudou bastante, até que me familiarizasse com as mudanças. Fiquei o ano todo, mas não gostei muito de morar com meus tios e nem de estudar em Pedras. Acabei desistindo da escola. Na época, só havia duas opções para mim, ou estudar em Pedras ou parar de estudar, optei pela última e esse foi o final de meu percurso estudantil na escola. Senti tristeza em ter que deixar de estudar tão nova e ainda no início de minha escolarização, mas era a condição em que a educação do município se encontrava, havia na zona rural só até a 4ª série e não tinha transporte para ir para a sede. Hoje a realidade é bem diferente, já tem na zona rural escolas do município até a 8ª série e anexos do Estado com aulas do ensino médio. Aos poucos a educação tem penetrado em nosso município.

Parei de estudar por sete anos, no entanto quando deixei, já comecei a ensinar devido a carência de profissionais da área na zona rural. Mas, em 1993 voltei a estudar dando continuidade a minha vida escolar. Trabalhava e estudava ao mesmo tempo.

Fiz o chamado LOGOS II, um curso de ensino supletivo e ao terminar, concluí o 2º grau. Esse curso era ministrado na cidade de Russas cidade vizinha de Palhano. Os dois (Prefeito e o Secretário de Educação da Cidade), prevendo para breve a reformulação na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) e a exigência de que para continuar exercendo o cargo de professor, este precisaria ter o 2º grau completo, incentivaram os professores do município a fazerem esse curso para que deixassem de ser leigos e passassem a ter o 2º grau completo. Batalharam para que o mesmo viesse para Palhano, só depois de muitos desafios conseguiram e passamos a estudar em nosso município que passou a ter uma professora

orientadora, que era de Russas. O curso se dava da seguinte maneira: o professor-orientador entregava os módulos, estudávamos em casa e íamos para a sede fazer prova. Como eram vários professores da zona rural que faziam o LOGOS II, a prefeitura dava o carro para transportá-los da zona rural até a sede(aos sábados), passávamos o dia estudando e realizando as provas as quais eram feitas por disciplina. Em 1996, após três anos, recebi um diploma de conclusão do 2º grau, com habilitação específica para o exercício do magistério com direito a lecionar de 1ª a 4ª série do 1º grau.